

Fortes D'Aloia & Gabriel

GALERIA LUISA STIRINA

sé

O Canto do Bode

Casa da Cultura | Comporta, Portugal

Fortes D'Aloia & Gabriel, Galeria Luisa Strina e Sé têm o prazer de apresentar **O Canto do Bode**, uma exposição colaborativa na **Casa da Cultura da Comporta**, em Portugal. São três galerias brasileiras de gerações distintas que se unem a iniciativas globais de construção de novos modelos de atuação em um contexto inédito no circuito das artes. As obras de 32 artistas representados pelas galerias, além de 4 artistas convidados, ocupam o antigo cinema da histórica Casa da Cultura, na Fundação Herdade da Comporta, que se converte numa galeria pop-up de junho a setembro. A exposição, que acontece em dois atos, é estruturada como uma peça de teatro, com arquitetura concebida pelo artista João Maria Gusmão e uma narrativa que se desdobra simultaneamente na plateia, palco e bastidores. O título faz referência ao termo grego tragoedia [tragos (“bode”) e oidé (“canto”)] e celebra a tradição brasileira de sacralização do profano e profanação do sagrado, desconstruindo a dicotomia entre o dionisíaco e o apolíneo. Na encenação de dois atos ao longo da exposição, diálogos e sinergias se estabelecem entre artistas de distintas gerações e percursos formais. **O Canto do Bode** reafirma assim em seu enredo a possibilidade de integração de vozes que, juntas, propõem novas narrativas.

Artistas: Alexandre da Cunha, Anderson Borba, Arnaldo de Melo, Caetano de Almeida, Cildo Meireles, Dalton Paula, Daniel Fagus Kairoz, Edu de Barros, Erika Verzutti, Ernesto Neto, Fernanda Gomes, Janaina Tschäpe, João Loureiro, João Maria Gusmão, Jorge Queiroz, Juan Araujo, Julião Sarmento, Kim Lim, Laura Lima, Leonor Antunes, Lucia Laguna, Luiz Zerbini, Manata Laudares, Marcius Galan, Marina Rheingantz, Marina Saleme, Mauro Restiffe, Michel Zózimo, Panmela Castro, Pedro Victor Brandão, Rebecca Sharp, Rivane Neuenschwander, Robert Mapplethorpe, Sheroanawe Hakihiiwe, Tadáskía e Tonico Lemos Auad.

IºAto: 24 Junho - 25 Julho

Alexandre da Cunha

Slit IX, 2019

Baquetas, barbante de cânhamo, acrílica e linho

[Drumsticks, hemp string, acrylic and linen]

200 x 130 x 6 cm





O ready-made e, especificamente, como as percepções de objetos são afetadas pelo lugar e o tempo são pontos centrais na prática de Da Cunha. O complexo e sutil processo de transformação de materiais e imagens de Da Cunha cria encontros com objetos do cotidiano que desembaraçam as respostas instintivas inerentes a materiais específicos, dotando as obras de modos alternativos de compreensão; então o algodão se transforma em mármore, esfregões em tapeçaria, ferramentas de construção se tornam relíquias misteriosas e objetos mundanos ecoam precedentes históricos da arte. O resultado é um diálogo vibrante sobre a história e a função dos símbolos e materiais na sociedade, de bancos de parque e guarda-chuvas a betoneiras e toalhas de praia.

Anderson Borba

The weeping white man, 2020

Madeira, suportes de canto, lápis e gesso

[Wood, corner braces, pencil and plaster]

135 x 27 x 36 cm



ANDERSON BORBA
The weeping white man, 2020



As imagens às vezes são o ponto de partida para as esculturas de Anderson Borba, como é o caso de *The wheeling white man* (2020). De acordo com o artista, o trabalho foi inspirado por um retrato da mídia de um político branco sedentário reclamando de uma derrota recente, e isso o levou a responder e montar seu retrato trabalhando em fragmentos de madeira em um simulacro estético modernista. Ele mudou e se desdobrou em uma construção orientada para o processo, usando a figura como um padrão para decisões formais. [Kiki Mazzucchelli]



ANDERSON BORBA
Word, 2020
Madeira [Wood]
127 x 50 cm



Word (2020), é uma construção oval elegante que evoca um senso de simplicidade brancusiano. Na metade superior desta peça, uma mão esculpida empoleirada em uma bengala aponta seu dedo indicador para um volume redondo colocado no lado oposto da mesma peça. É um gesto autorreferencial, mas acima de tudo, como diz Borba, um gesto primordial que precede a linguagem: 'Apontar para alguma coisa... Em certo sentido, este simples gesto não substitui apenas uma palavra, mas é uma palavra - talvez o primeira palavra.' [Kiki Mazzucchelli]

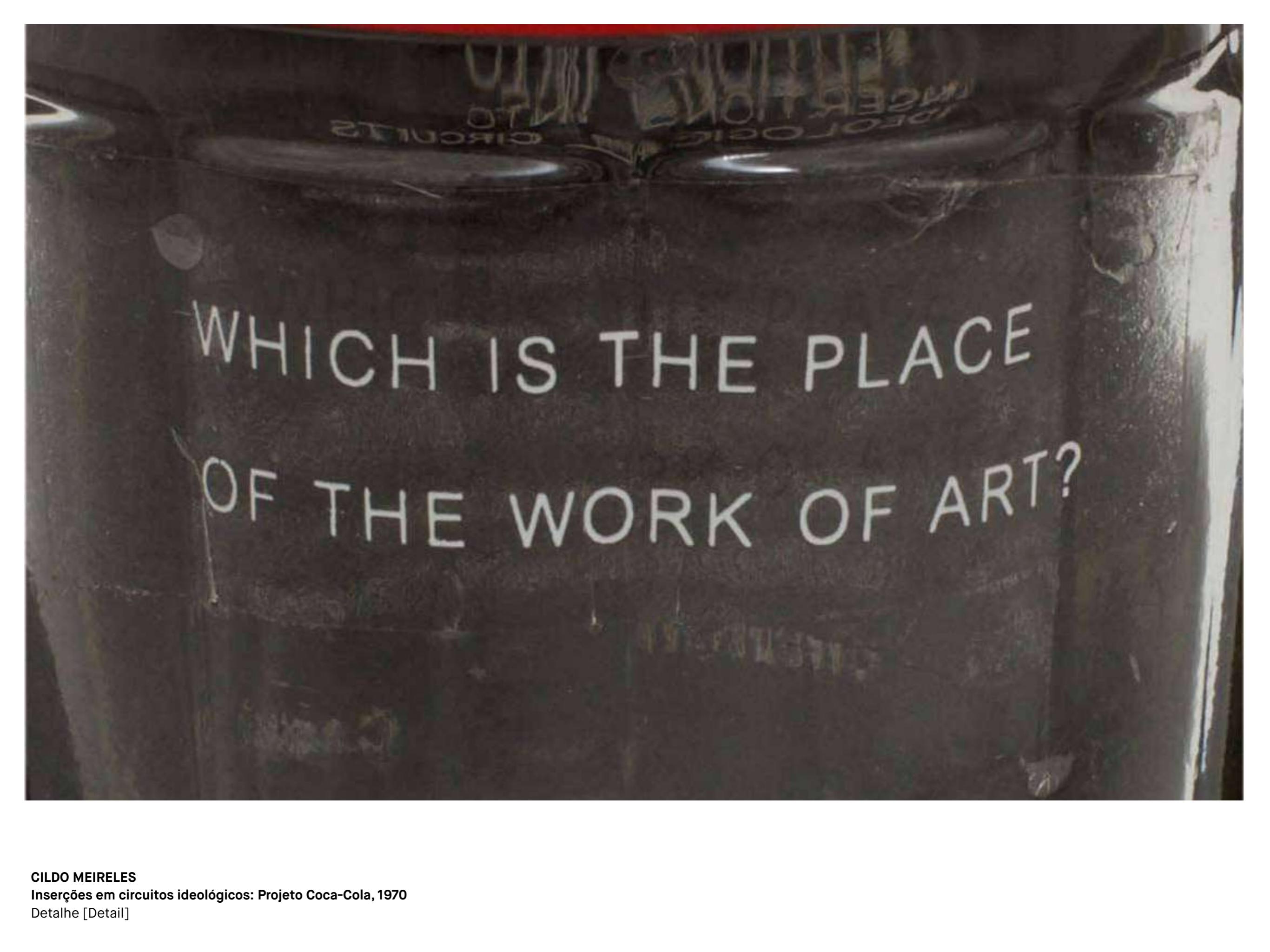
Cildo Meireles

Inserções em circuitos ideológicos: Projeto Coca-Cola, 1970
Garrafa de Coca-Cola, decalque em silkscreen
[Coca-Cola bottle, silkscreen decal]
18 x 8 Ø cm





O Projeto Coca-Cola e o Projeto Cédula ou Cédula exploram a noção de circulação e troca de bens, riquezas e informações como manifestações da ideologia dominante. Para o Projeto Coca-Cola, Meireles retirou as garrafas de Coca-Cola da circulação normal e as modificou adicionando declarações políticas críticas, ou instruções para transformar a garrafa em um coquetel molotov, antes de devolvê-las ao circuito de troca. Nas garrafas, mensagens como 'Yankees Go Home' são seguidas do título da obra e da declaração de propósito do artista: 'Registrar informações e opiniões críticas sobre as garrafas e colocá-las novamente em circulação'. A garrafa de Coca-Cola é um objeto cotidiano de circulação em massa; em 1970 no Brasil era um símbolo do imperialismo norte-americano e tornou-se, globalmente, um símbolo do consumismo capitalista. À medida que a garrafa vai se esvaziando progressivamente do líquido marrom escuro, a declaração impressa em letras brancas em um rótulo transparente colado na lateral torna-se cada vez mais invisível, apenas para reaparecer quando a garrafa é reabastecida para recirculação.



WHICH IS THE PLACE
OF THE WORK OF ART?

CILDO MEIRELES

Inserções em circuitos ideológicos: Projeto Coca-Cola, 1970

Detalhe [Detail]

Daniel Fagus Kairoz



O Brasil é Minha Encruzilhada (Mil Povos), 2020

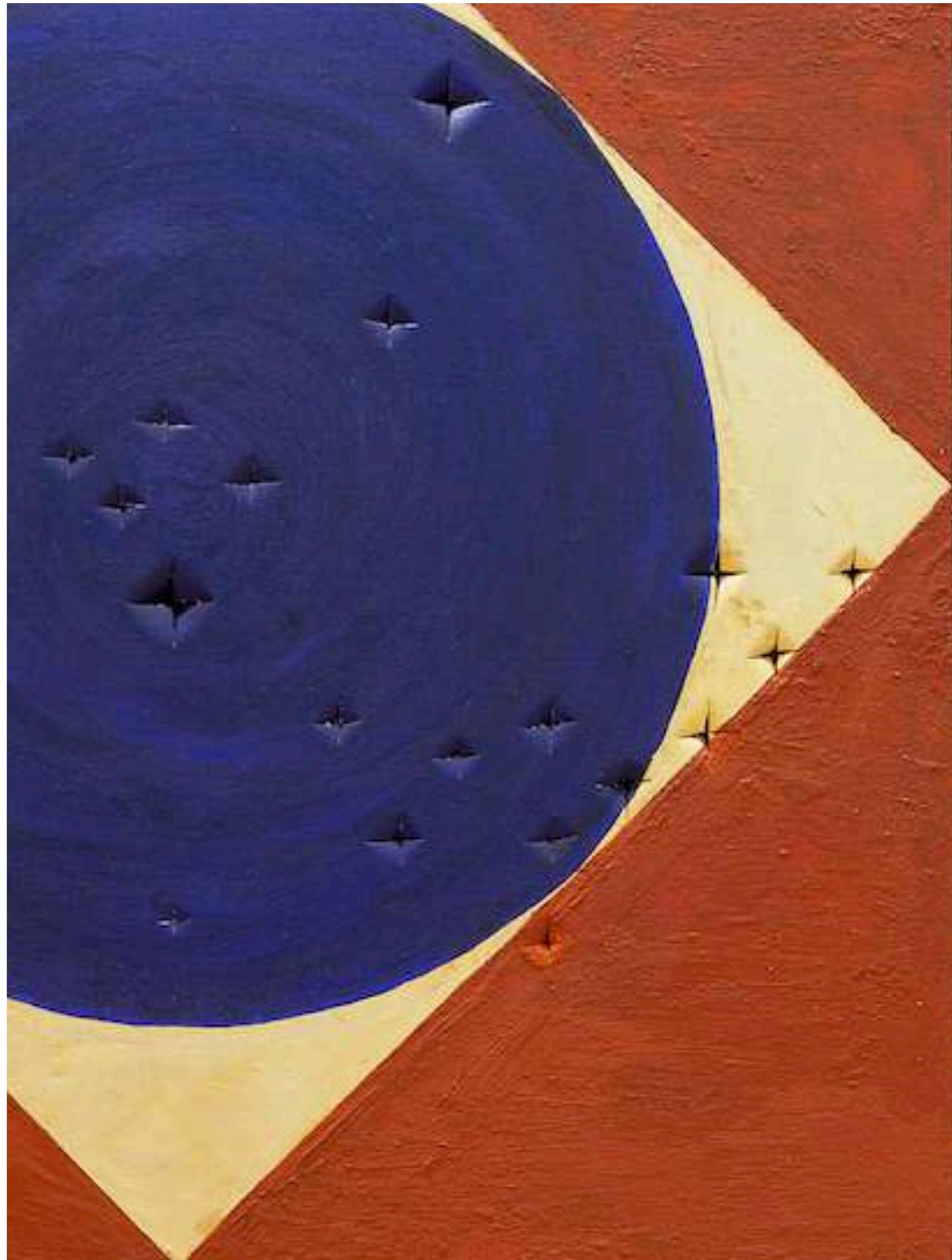
Urucum, folha de ouro, waji e cortes sobre tela [Annatto, gold leaf, haji and cuts on canvas]

106 x 106 cm

DANIEL FAGUS KAIROZ

O Brasil é Minha Encruzilhada (Mil Povos), 2020

Detalhe [Detail]



O Brasil é Minha Encruzilhada (Mil Povos) (2020) é um dos trabalhos que sintetizam a série Encruzilhadas. Nesta série, o artista opera materiais populares no Brasil – como o colorau (urucum), o anil (waji), objetos dourados, pólvora, giz branco (pemba e efun), entre outros – que portam em si a força da encruzilhada de perspectivas que fundam o tenso caldo cultural brasileiro, como as afrodiásperas, ameríndias e europeias. Neste trabalho, urucum, waji e folhas de ouro, são dispostos numa composição geométrica que faz referência à bandeira do Brasil em conversa com as formas simples do suprematismo malevichiano. Os cortes em cruz, utilizados na série, seguem a composição das estrelas da bandeira, representando os estados brasileiros como encruzilhadas e abismos.

Ernesto Neto



Umbigo Ventre, Fruto Arte, 2021

Croche de voile de algodão, argila expandida e pinos de madeira

[Cotton voile crochet, expanded clay and wooden knobs]

73 x 95 x 46 cm



ERNESTO NETO
Umbigo Ventre, Fruto Arte, 2021
Detalhe [Detail]

Desde meados da década de 1990, Ernesto Neto produz uma obra influente que explora as construções do espaço social e do mundo natural, convidando à interação física e à experiência sensorial. *Umbigo Ventre, Fruto Arte* (2021) incorpora formas e materiais orgânicos que despertam um novo tipo de percepção sensorial que redefine as fronteiras entre a obra de arte e o espectador, o orgânico e o plástico, o natural, o espiritual e o social. Abrindo constantemente novos desenvolvimentos formais e conceituais em sua obra, Neto descreve a escultura como um organismo vivo que transgride todas as limitações.



ERNESTO NETO

Umbigo Ventre, Fruto Arte, 2021

Detalhe [Detail]

João Loureiro



Presidente Selvagem, 2019

Caixas de papelão, fibra de vidro e pintura esmalte
[Cardboard boxes, fiberglass and household gloss]

Caixa [Box] 1: 28 x 30 x 20 cm | Caixa [Box] 2: 30 x 33 x 26 cm

JOÃO LOUREIRO
Presidente Selvagem, 2019
Detalhe [Detail]



O trabalho *Presidente Selvagem* (2019) é parte de uma série de peças que usam diversos produtos banais encontrados no comércio urbano. Em comum, são materiais descartáveis, baratos, desimportantes que o artista usa para suas operações de composição, justaposição e deslocamento presentes no seu corpo de trabalho. Os nomes dos produtos impressos nas caixas de papelão, servem de ponto de partida. Cada caixa recebe no seu interior um duplo do seu volume em fibra de vidro pintada e o amarelo luminoso de seus interiores reforça a unidade espacial do conjunto. Essa associação das duas embalagens de marcas de bebidas populares no Brasil, formam a sentença em que o presidente recebe a alcunha de selvagem.

ASIL
TO, KM 62,5
DOS SOARES

Desde

1910



Presidente

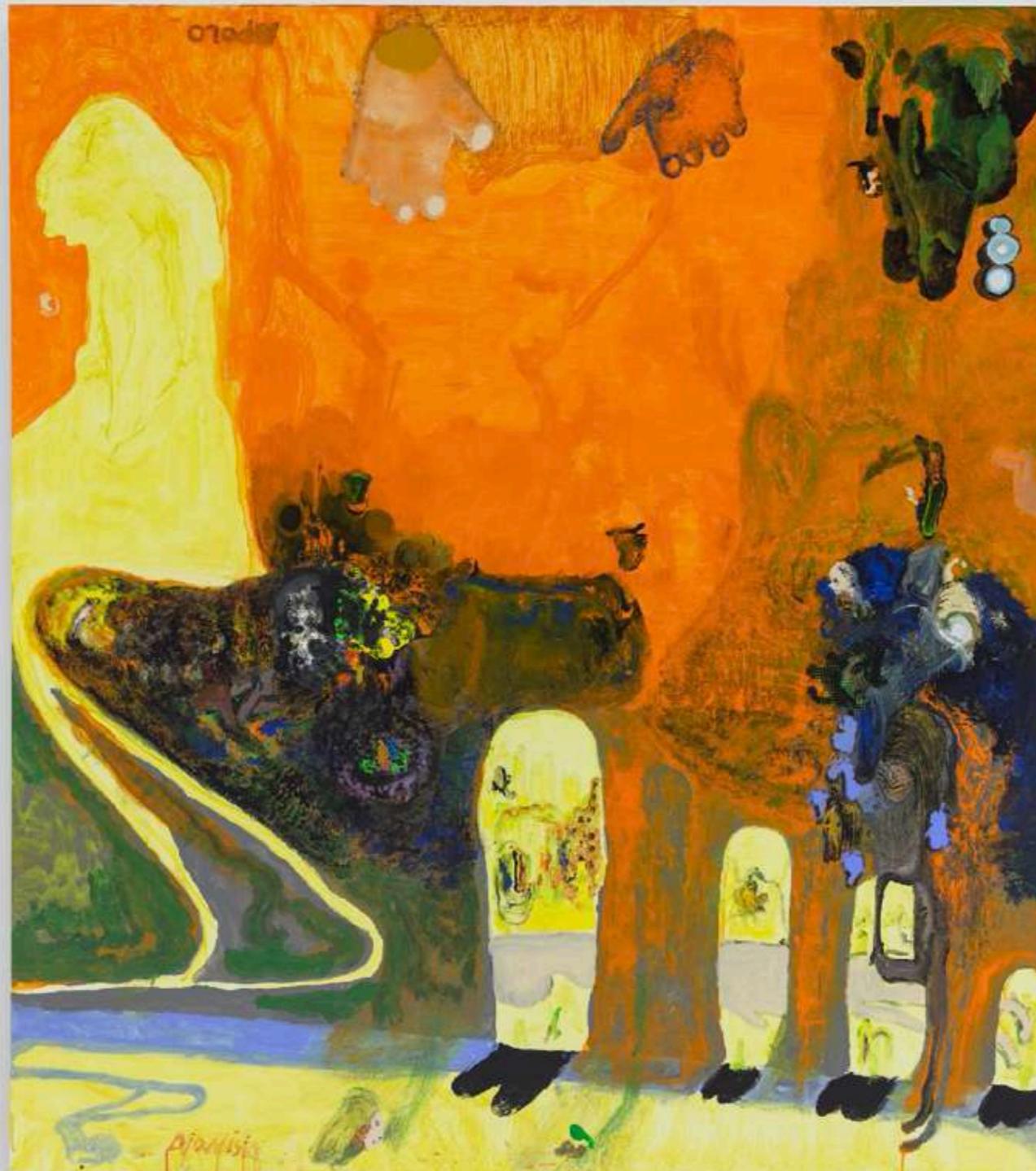
1910

Produzido e Engarrafado por:

Vinícola Salton S.A.



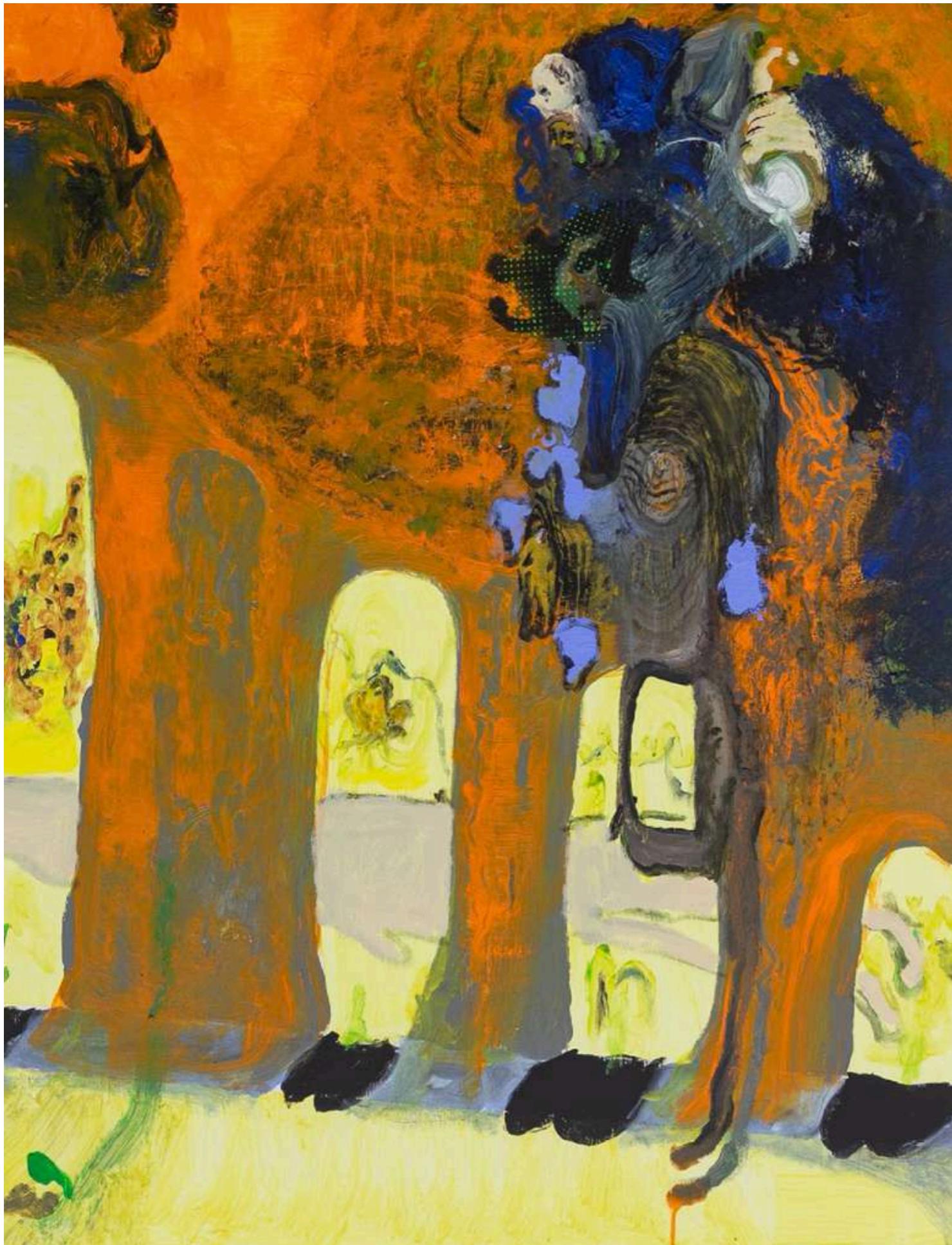
Jorge Queiroz



Ampulheta, 2021

Acrílico sobre tela [Acrylic on canvas]

180 x 160 cm



O universo pós-simbólico de Jorge Queiroz atravessa o desenho e a pintura num diálogo diacrônico em que ambas as práticas artísticas se contaminam e influenciam mutuamente. Seus cenários autóficionados não são habitados por qualquer organização ou hierarquia, subvertendo a relação figura-fundo ou interior-exterior num imaginário íntimo e pessoal. É uma constante na sua obra a ausência de uma linguística e de uma linearidade narrativa. A pintura *Ampulheta* (2021) — criada especialmente para refletir a dicotomia entre apolíneo e dionisiaco celebrada na exposição — pode ser lida nos dois lados.



JORGE QUEIROZ
Ampulheta, 2021
Detalhe [Detail]

Leonor Antunes



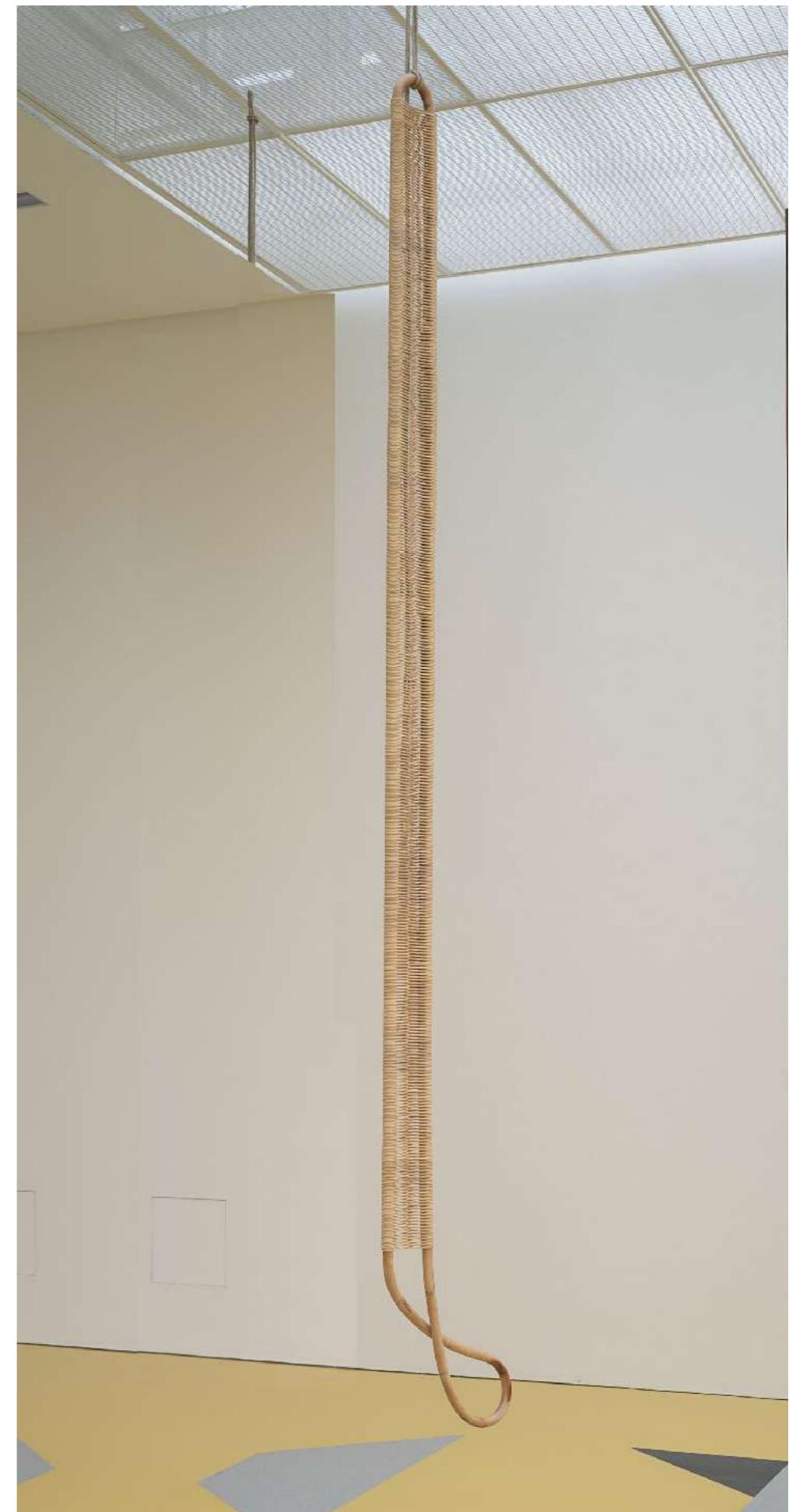
Franca (#5), 2018
Vime, núcleo de vime
[Rattan, rattan core]
383 x 57 x 6 cm

LEONOR ANTUNES

Franca (#5), 2018

Detalhe [Detail]

Inspirada nos móveis de vime projetados pela arquiteta Franca Helg em colaboração com a empresa manufatureira Vittorio Bonacina nas décadas de 1950 e 1960, a escultura suspensa *Franca* (2018), em vime e núcleo de vime, é o resultado da pesquisa que a artista realizou para sua exposição individual “Os últimos dias em Galliate”. Extrapolando vários detalhes como as curvas da perna de uma mesinha de centro e os ganchos de um cabide autônomo desenhado por Helg em 1955 e por volta de 1959 respectivamente, Antunes ampliou sua escala e dimensões, dando à obra uma nova identidade escultural despojada de sua função original. Produzidas pelo renomado fabricante de móveis – hoje Bonacina1889 – as esculturas da série *Franca* evocam o diálogo entre o Modernismo e as tradições associadas ao uso das técnicas artesanais, recorrentes na prática de Antunes, e revelam o interesse do artista pela e fascínio pela figura de Franca Helg. Atuante em design arquitetônico e industrial, Helg deu uma contribuição tão importante ao Studio Albini, com sede em Milão, que o escritório de arquitetura foi renomeado como Albini-Helg em 1952.





LEONOR ANTUNES
discrepancies with F.H. #1 and #2, 2018
Latão [Brass]
300 x 24 x 6 cm cada [each]

LEONOR ANTUNES

discrepancies with F.H. #1 and #2, 2018

Detalhe [Detail]

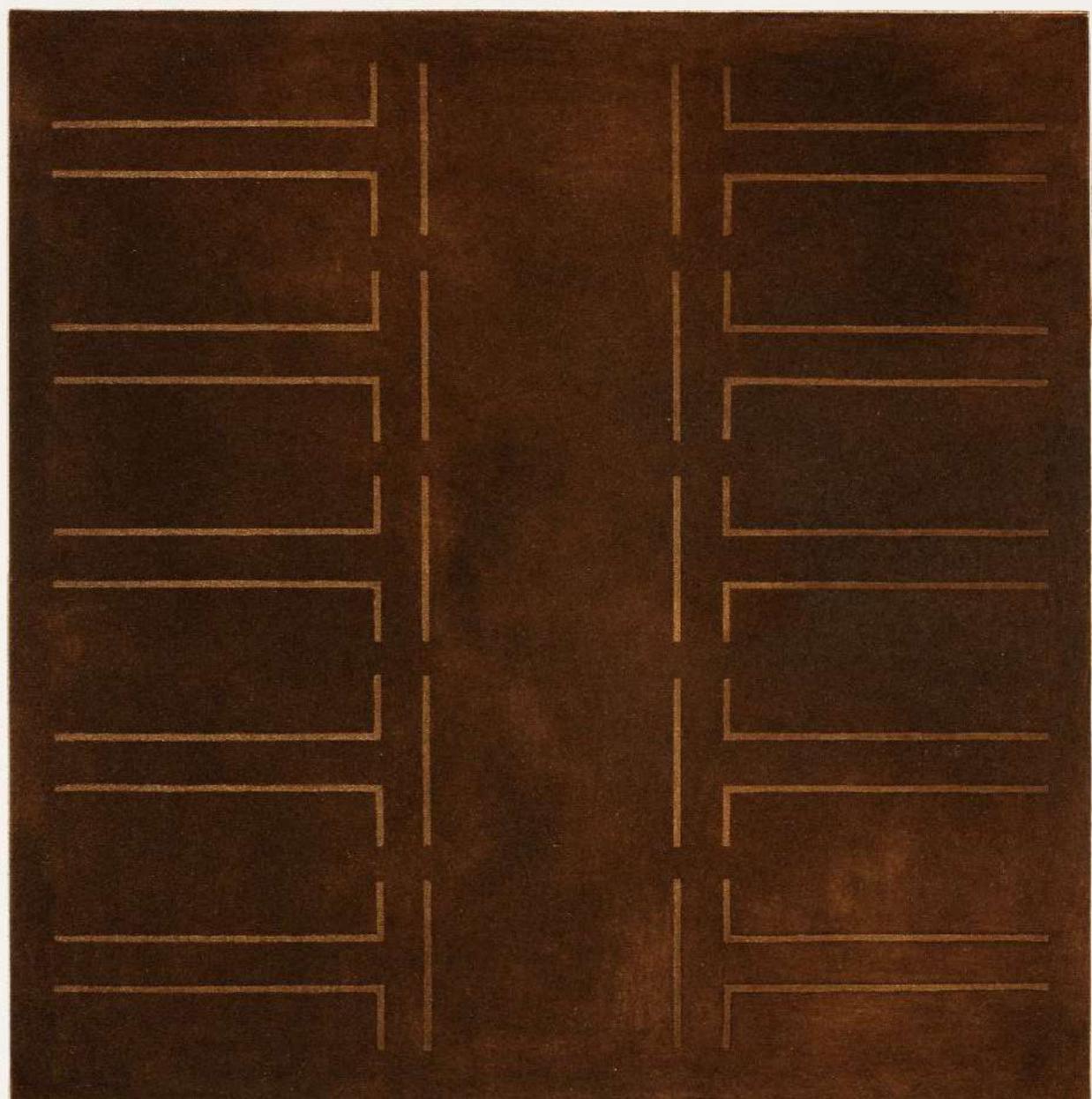
Antunes criou a série de esculturas *discrepancies with F.H.* (2018) a partir dos mesmos detalhes dos móveis de vime de Franca Helg, que inspiraram a artista para a série Franca. No entanto, ao contrário de suas obras em vime, que têm formas abstratas semelhantes, essas obras implicam um processo de assimilação dos elementos originais que não só respeita as proporções dos detalhes considerados pela artista —uma vez mais ampliados e transpostos fora de escala — mas também implica uma mudança no material utilizado e consequentemente no método de confecção. Devido ao seu processo natural de oxidação, o latão marca as esculturas como elementos que se alteram com o passar do tempo.





LEONOR ANTUNES
discrepancies with F.H. #1 and #2, 2018
Detailhe [Detail]

Kim Lim



Brown Aquatint, 1972

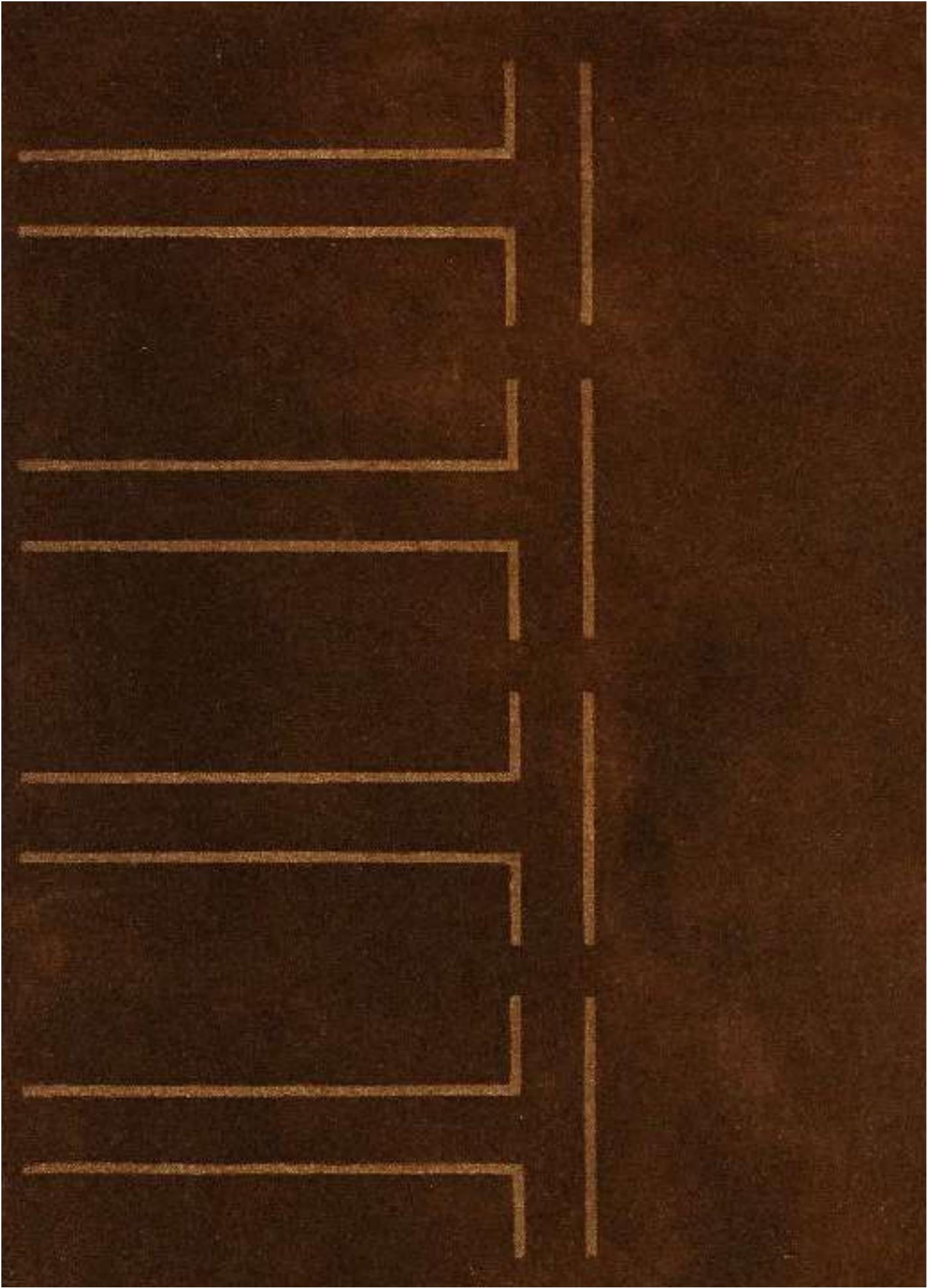
Áqua-tinta sobre papel

[Aquatint on paper]

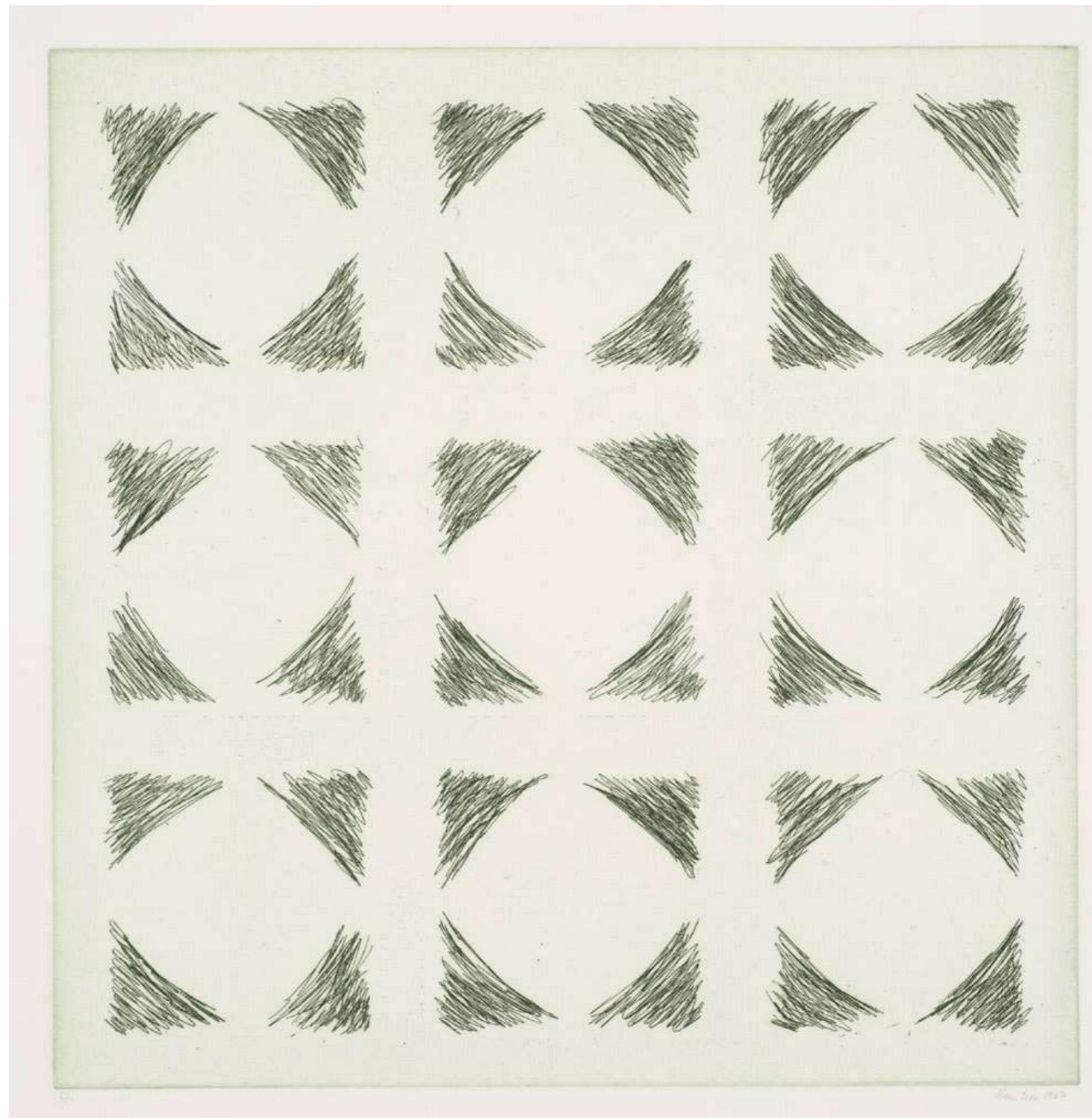
63,5 x 59 cm

Edição de [Edition of] 30

KIM LIM
Brown Aquatint, 1972
Detalhe [Detail]



Kim Lim extraiu inspiração de sua jornada pessoal do Oriente ao Ocidente, unindo sua própria experiência transcultural com o vernáculo dos artistas que ela admirava, como Giacometti e Brancusi. Uma observadora atenta da natureza e das forças naturais, ela ecoaria as curvas sinuosas de uma vasta planície desértica, as ondas de uma brisa marítima silenciosa e outros momentos experenciais e fenomenológicos ao longo de seu trabalho. O trabalho de Lim na década de 1970 é marcado por uma experimentação mais profunda em conceitos de "forma, espaço, ritmo e luz". Sua série *Intervals*, que se refere a obras escultóricas e em papel, emprega o espaço negativo com tanto detalhe quanto o faz com ideias de densidade e volume, como se vê na gravura *Brown Aquatint* (1972), atualmente em exibição na Tate Britain.



KIM LIM
Green Etching, 1969
Gravura [Etching]
59 x 58 cm
Edição de [Edition of] 20

Lucia Laguna



Jardim n. 54, 2021
Acrílica sobre tela
[Acrylic on canvas]
200 x 150 cm



Em suas pinturas, Lucia Laguna reforça a indissociabilidade que há entre seu processo artístico e o espaço de seu ateliê, situado na zona norte do Rio de Janeiro. O ponto de partida são proposições que a artista faz aos seus assistentes, que começam o processo delimitando linhas sobre a superfície da tela, inserindo figurações e outros sinais gráficos. Ao assumir a execução da obra, Lucia ingressa em um processo de desconstrução do que ali já estava. Num exercício ambíguo de intervenções e apagamentos que se dão com a pintura e outras camadas e detalhes, novos cenários são construídos. Se a abstração e a geometria intrínsecas às composições de Laguna tem origem na tradição da pintura, a figuração e o acúmulo remetem a este entorno. Ou seja, o dentro e o fora se contaminam à medida que as pinturas tomam corpo, em um tempo singular de maturação. A tela é, simultaneamente, limite e abertura.

Luiz Zerbini



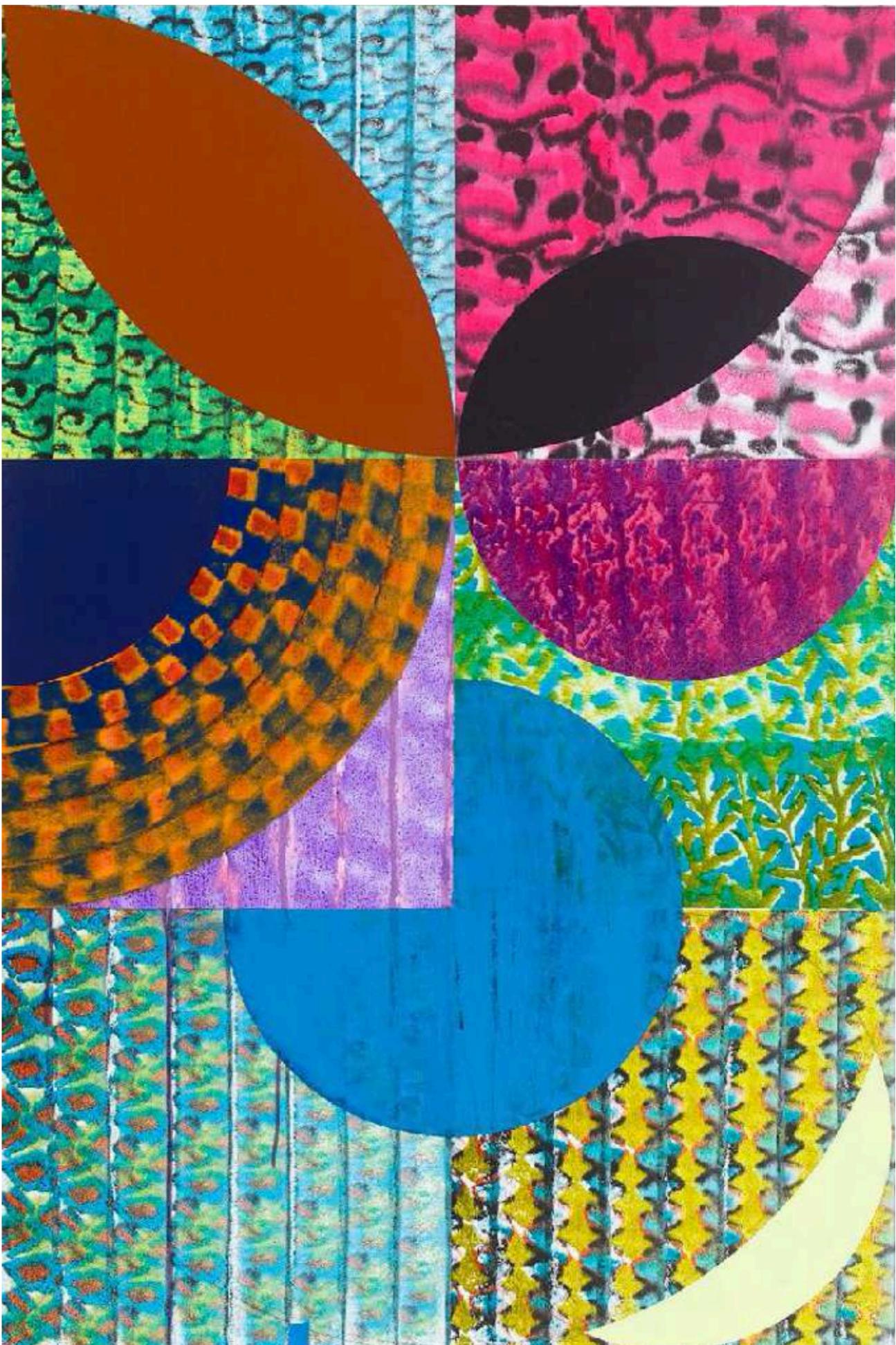
Três orelhas, 2021
Acrílica sobre tela
[Acrylic on canvas]
160 x 160 cm

LUIZ ZERBINI

Três orelhas, 2021

Detalhe [Detail]

Luiz Zerbini desenvolve um complexo vocabulário visual que habita entre a figuração, abstração e geometria. Para o artista, a tela é um campo expandido de possibilidades, seja enquadrando a perspectiva do espetador, seja construindo janelas imersivas que desvendam traços figurativos. A grade — um leitmotiv formal intimamente associado ao modernismo — é fortemente presente nas pinturas recentes do artista, onde áreas lineares e curvilíneas se sobrepõem e se cruzam, resultando em formas complexas preenchidas com cores e texturas vivas. *Três Orelhas* (2021) revela uma abordagem maleável à grade. Na pintura Zerbini usa uma técnica semelhante a um processo de impressão, criando texturas a partir do manuseio de uma escova de rolo.





LUIZ ZERBINI
Três orelhas, 2021
Detalhe [Detail]

Manata Laudares

estamos quase lá

Estamos quase lá, 2021

Neon

15 x 120 cm

MANATA LAUDARES

Estamos quase lá, 2021

Detalhe [Detail]



Estamos quase lá (2021) faz parte da série *Acredite na Sinalização*, um objeto em neon com a frase que dá nome à obra. O trabalho surge no atual contexto de alerta e revisão de valores e seu entendimento depende da inflexão dada ao truismo. Os artistas têm pensado nos desafios colocados por Bruno Latour em *Diante de Gaia*: o antropoceno, o multinaturalismo e a tecnodiversidade, reafirmando sua esperança na ciência, na derrota do totalitarismo e na experiência do comum.

Panmela Castro



Jaque Soul, a poetisa – Jandira (Residência), 2021

Óleo, acrílico e carvão sobre tela [Oil, acrylic and charcoal on canvas]

90 x 120 x 8 cm



PANMELA CASTRO
Jaque Soul, a poetisa – Jandira (Residência), 2021
Detalhe [Detail]

Residência é a série de Panmela Castro onde a artista mora ou visita a casa/cidade amigos próximos, geralmente ativistas que impulsionam seu pensamento, produzindo obras a partir desta relação. Jandira Queiroz é amiga da Panmela há mais de uma década. Se conheceram na AMB (Articulação de Mulheres Brasileiras) e a partir daí se tornam amigas íntimas, com Jandira participando ativamente de sua formação feminista e como ativista. Em 2010 fundaram, junto com outras mulheres a Rede NAMI, organização que usa as artes para promover os direitos humanos na qual Panmela é presidente, e Jandira conselheira. Jaque Soul é uma poetisa que frequenta a mãe da Jandira. Ela é terapeuta e conheceu a Panmela durante a residência da artista na Panmela. Soul e Castro ficaram próximas e desenvolveram uma identificação mútua, de artista e modelo, trocando experiências e confissões.



PANMELA CASTRO

Jaque Soul, a poetisa – Jandira (Residência), 2021

Detalhe [Detail]



PANMELA CASTRO

Dani Deus – Residência (Jandira), 2021

Óleo, acrílica e carvão sobre tela

[Oil, acrylic and charcoal on canvas]

120 x 90 x 8 cm

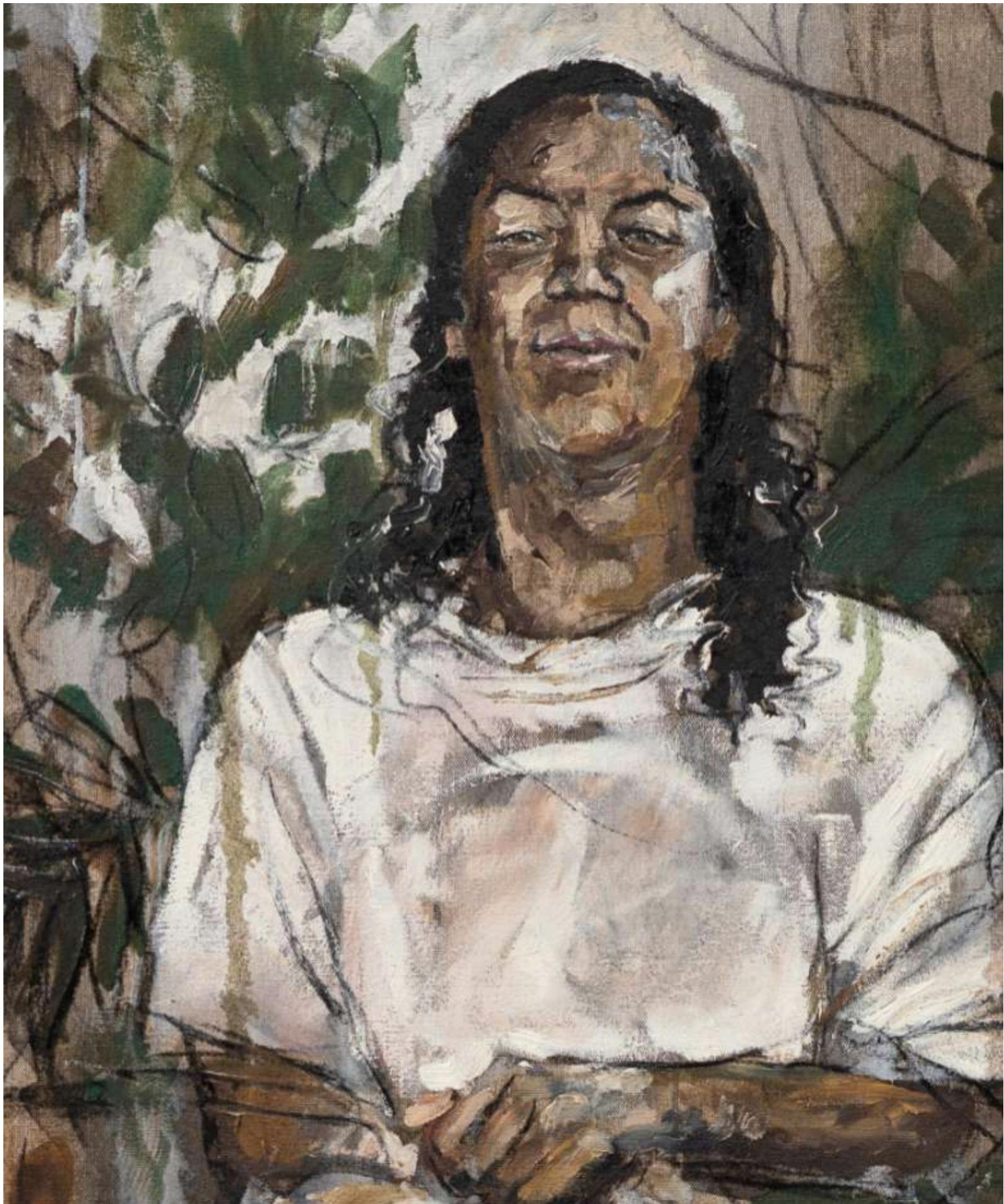
PANMELA CASTRO

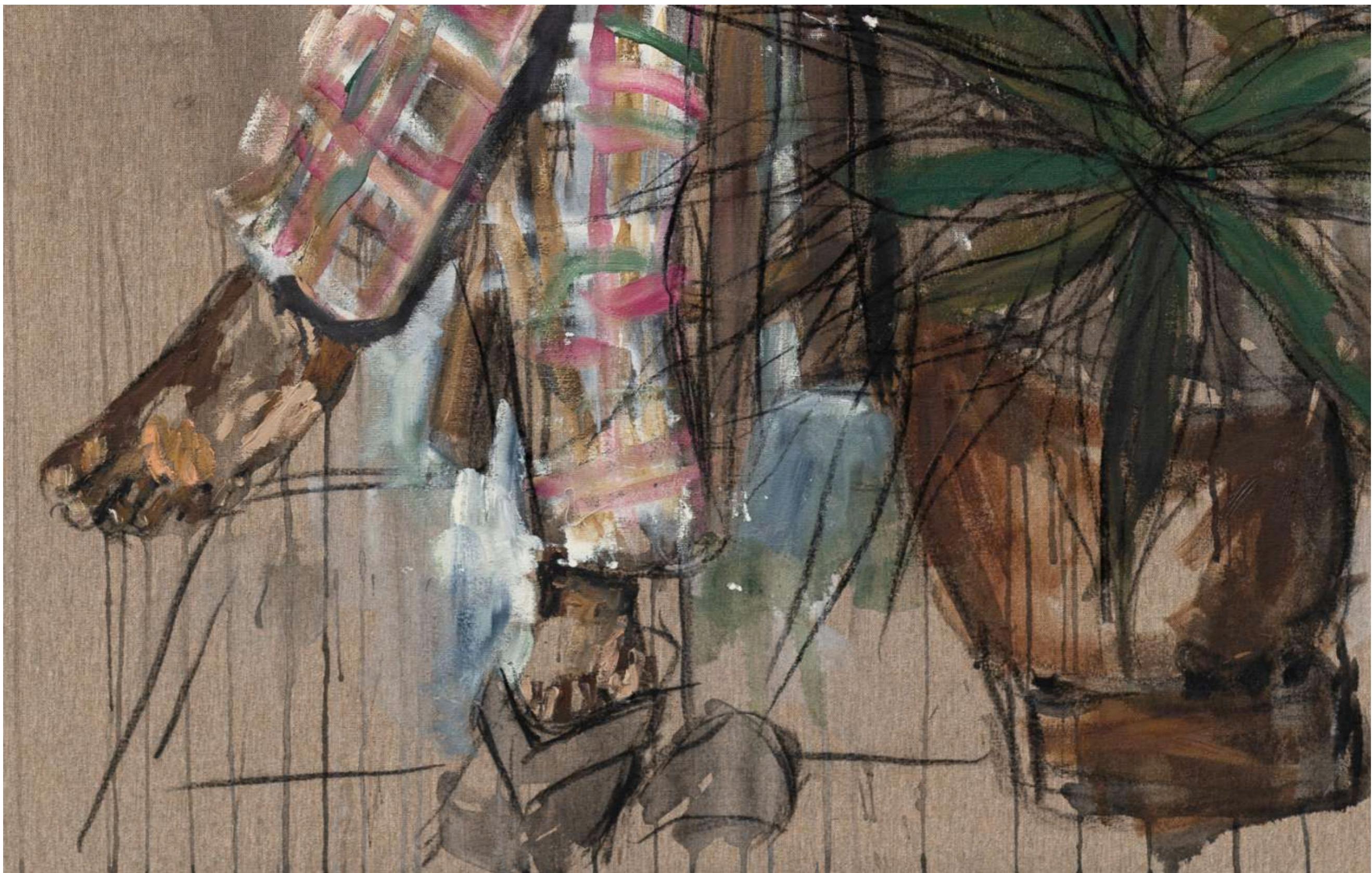
Dani Deus – Residência (Jandira), 2021

Detalhe [Detail]

Dani Deus é um dos moradores de Olhos D'Água, sendo um dos cuidadores dos jardins da igreja e das praças, foi fotografado por Panmela na varanda de sua casa ao lado das plantas que tanto cuida.

“Estando na casa da Jandira, o Dani foi a primeira pessoa da cidade que fiz amizade. E ele é o único homem gay assumido. A Jandira me contou que ele na juventude começou a fazer a transição, começou a atender por ela, por Dani, mas depois voltou a se reconhecer como homem. Hoje em dia ele é muito apegado à religião, e ele é artesão né, é o artesão da cidade.”





PANMELA CASTRO

Dani Deus – Residência (Jandira), 2021

Detalhe [Detail]

PANMELA CASTRO

Renata Souza, da série Vigilia [From the Vigil Series], 2020

Óleo, acrílico e carvão sobre tela

[Oil, acrylic and charcoal on canvas]

120 x 90 x 8 cm

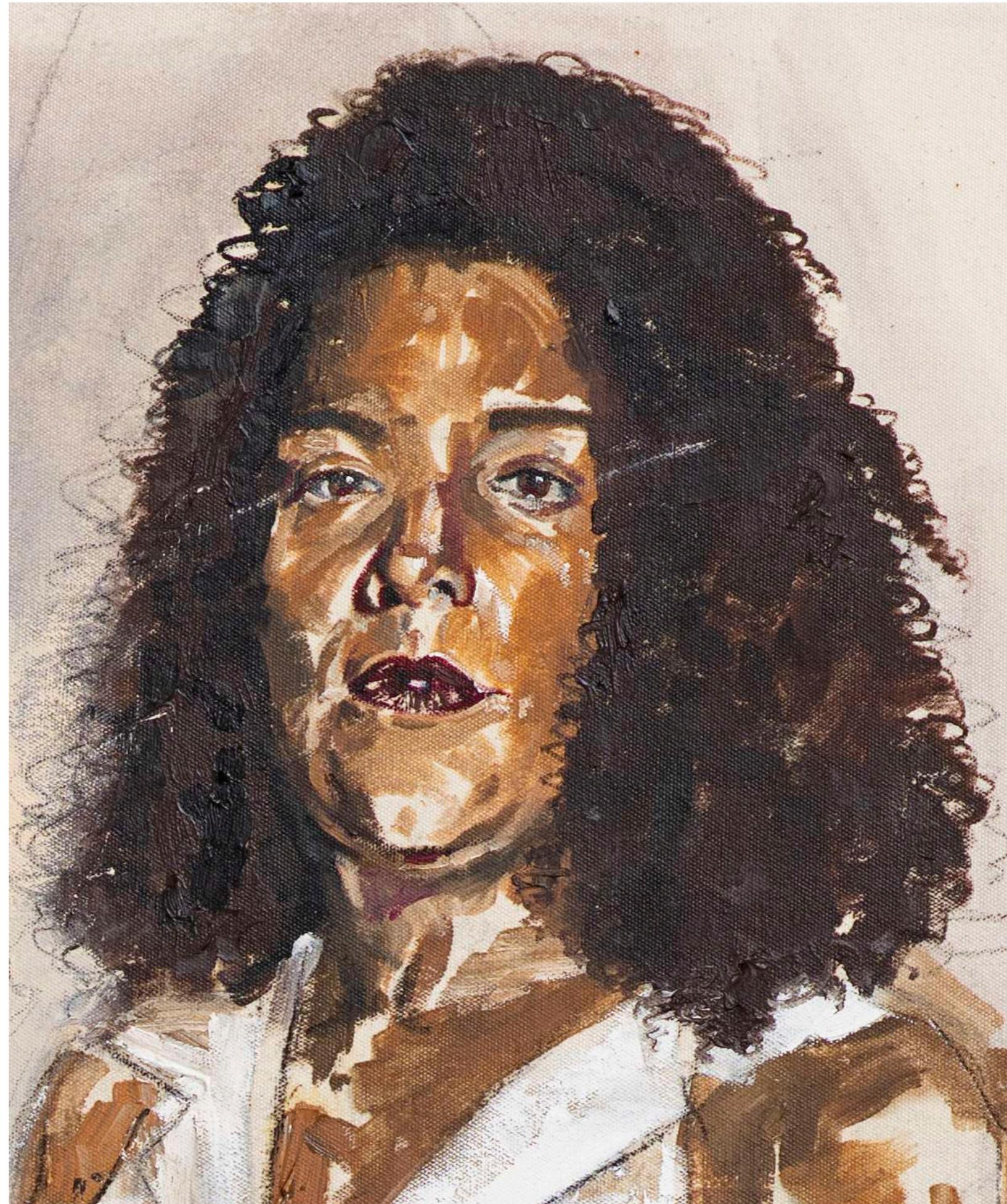


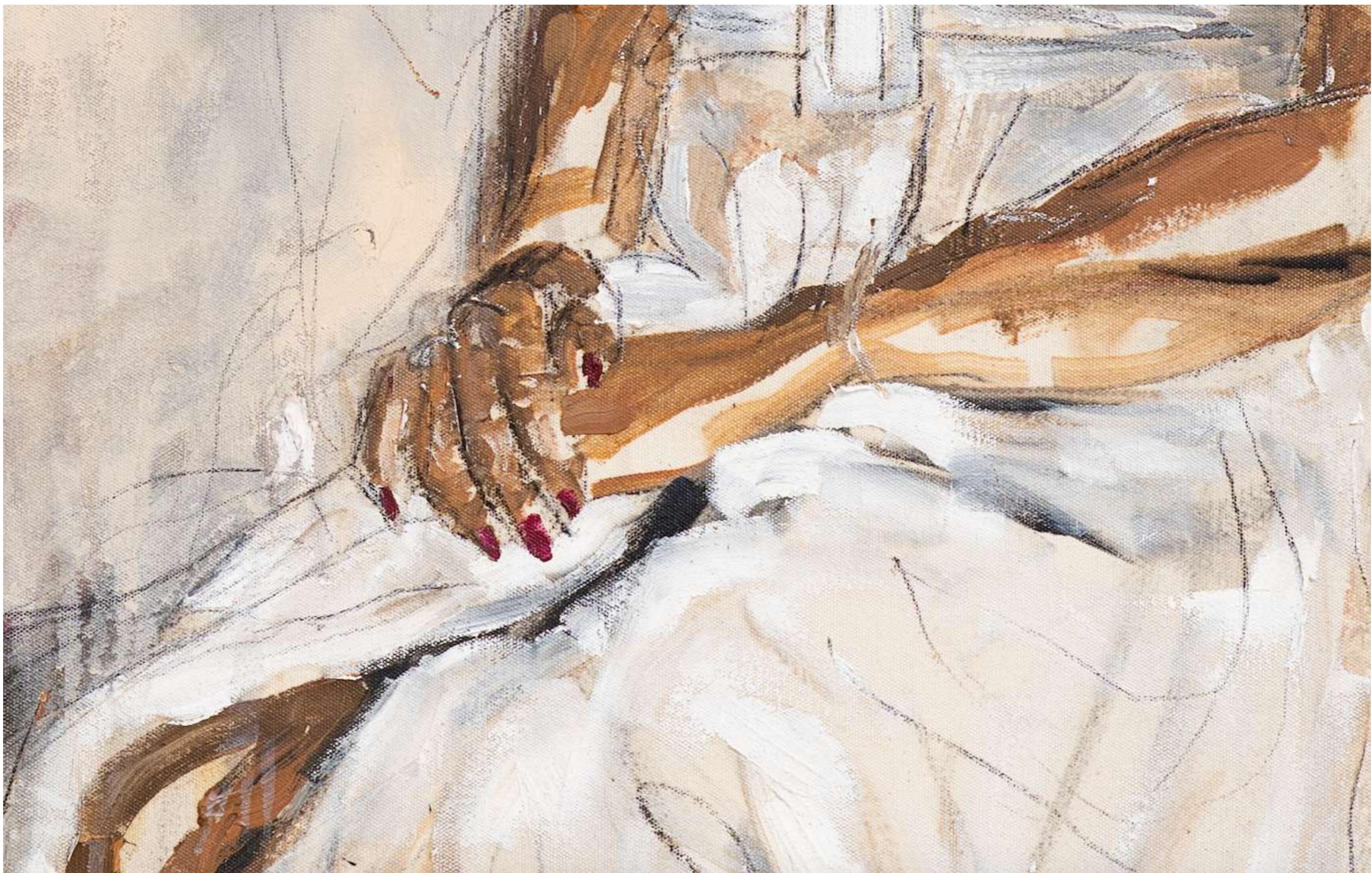
PANMELA CASTRO

Renata Souza, série Vigília, 2020

Detalhe [Detail]

Renata Souza é deputada estadual e antiga chefe de gabinete de Marielle Franco. Em 2017 Panmela Castro foi perseguida pelo ex-namorado, que insistia em cobrir seus murais pela cidade do Rio de Janeiro. Em razão das dificuldades de formalizar uma denúncia por violência patrimonial que se enquadrasse na Lei Maria da Penha, Panmela procurou o gabinete de Marielle Franco para que o caso fosse acompanhado e levado adiante. Foi nessa ocasião que Panmela Castro e Renata Souza se conheceram e se tornaram amigas. A vigília aconteceu durante o processo eleitoral de 2020, ano em que Renata Souza concorria à prefeitura do Rio de Janeiro. Em decorrência da campanha, Renata comparece vestida formalmente ao ateliê, caracterizando-se assim por ser a primeira obra da Série *Vigília* a ser pintada desta maneira. Ainda assim, os pés descalços de Renata Souza são capazes de transmitir a intimidade produzida pela noite.



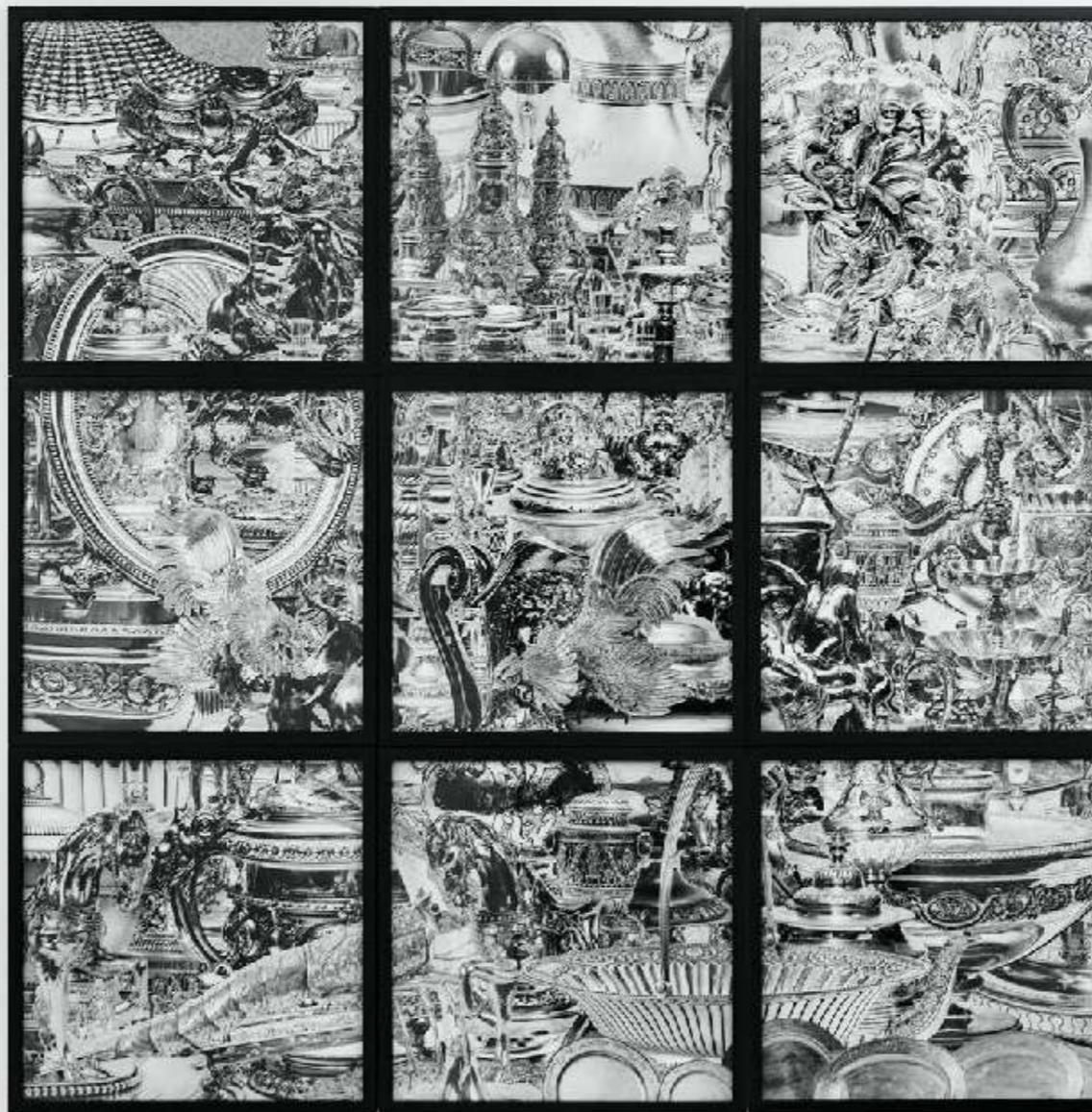


PANMELA CASTRO

Renata Souza, série Vigília, 2020

Detalhe [Detail]

Pedro Victor Brandão



Forjada [Forged], 2019

Impressão a jato sobre papel de algodão [Inkjet print on cotton paper]

Emoldurada [Framed]: 51,5 x 51,5 cm cada [each]

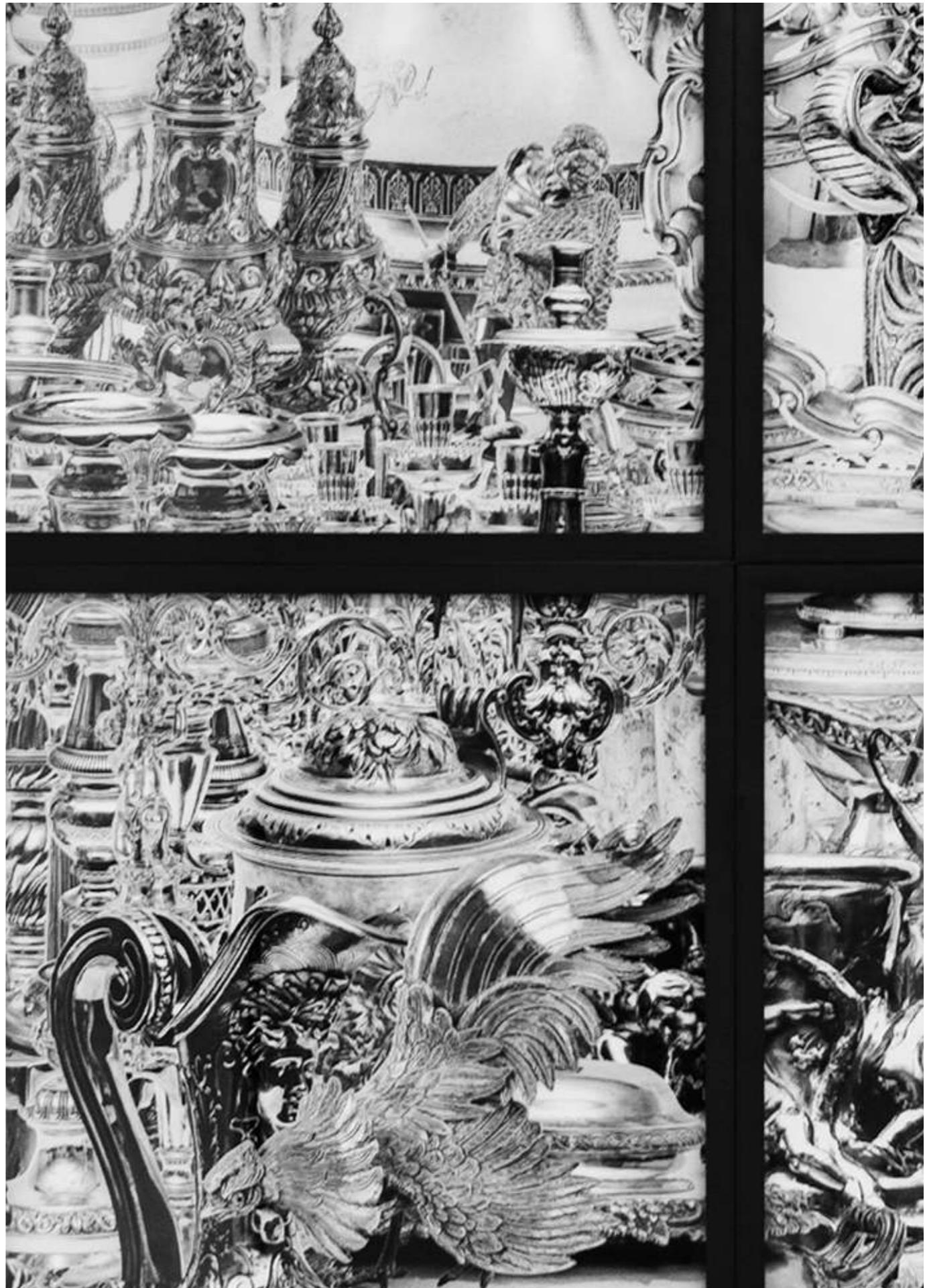
Edição de [Edition of] 3 + 1 AP

PEDRO VICTOR BRANDÃO

Forjada [Forged], 2019

Detalhe [Detail]

Em seus trabalhos bidimensionais, Brandão une a linguagem fotográfica a imagens residuais de outros procedimentos como quebras por impacto ou explosão, processamento digital, perturbações, cultivos de fungos, interceptação, apropriação e interpretação de dados brutos, tratando de maneira plástica elementos da realidade de forma a desestabilizar noções de visualidade e confiança das imagens. Seus trabalhos têm caráter analítico de elementos da linguagem e cultura material de nosso tempo requalificando a ideia de “especulação” para além das ideias de mercado e circulação de bens. Em *Forjada* (2019), o artista cria uma composição digital feita a partir de negativos documentando leilões de prataria nos anos 1970. Nove impressões quadradas apresentam um modo de acumulação capitalista que já não encontra mais liquidez.





PEDRO VICTOR BRANDÃO
Forjada [Forged], 2019
Detalhe [Detail]

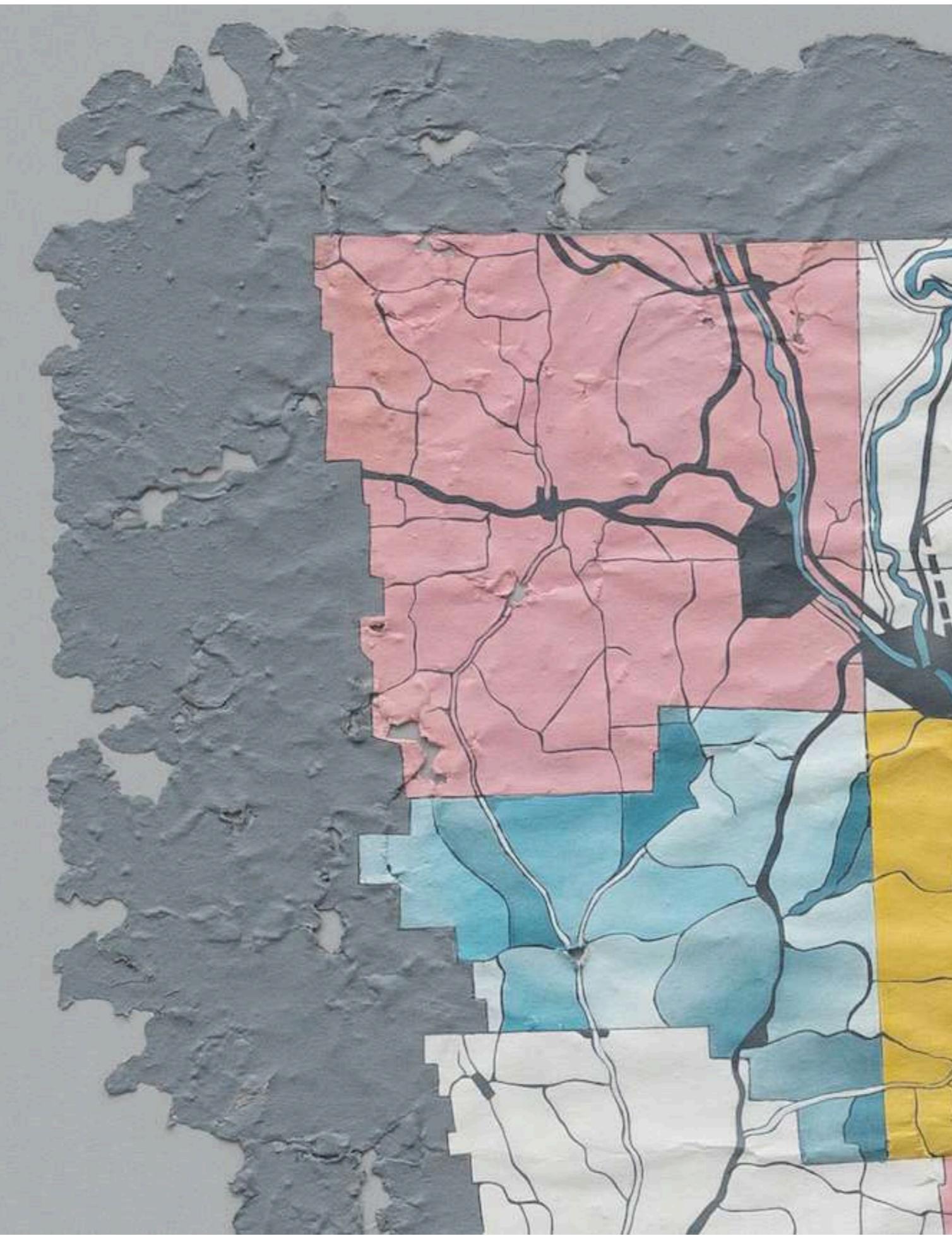
Rivane Neuenschwander



Depois da Tempestade | After the Storm [21], 2021

Tinta acrílica em mapa, madeira [Acrylic paint on map, wood]

70 x 84 x 6 cm



RIVANE NEUENSCHWANDER
Depois da Tempestade | After the Storm [21], 2021
Detalhe [Detail]

Depois da Tempestade / After the Storm é uma série de trabalhos que Rivane Neuenschwander fez originalmente para sua exposição no New Museum em Nova York (2010). Os mapas de papel, colocados em telas de arame no quintal do ateliê da artista, degradam lentamente sob a força das chuvas. Em seguida Neuenschwander reúne os fragmentos em placas coloridas antes de pintar novas bordas e estradas sobre as peças remontadas. Remodelando a geografia por meio de uma “topologia poética”, esses mapas de chuva narram a erosão cartográfica, à medida que massas de terra parecem se desintegrar em lagoas irregulares e limites são arrastados, apenas para ressurgir como novos territórios fantásticos criados pela artista. Na criação de suas obras, Neuenschwander frequentemente envolve componentes externos – humanos, animais, elementos naturais – para sondar a tensão entre as forças da natureza e os sistemas humanos concebidos para ordená-los e entendê-los.

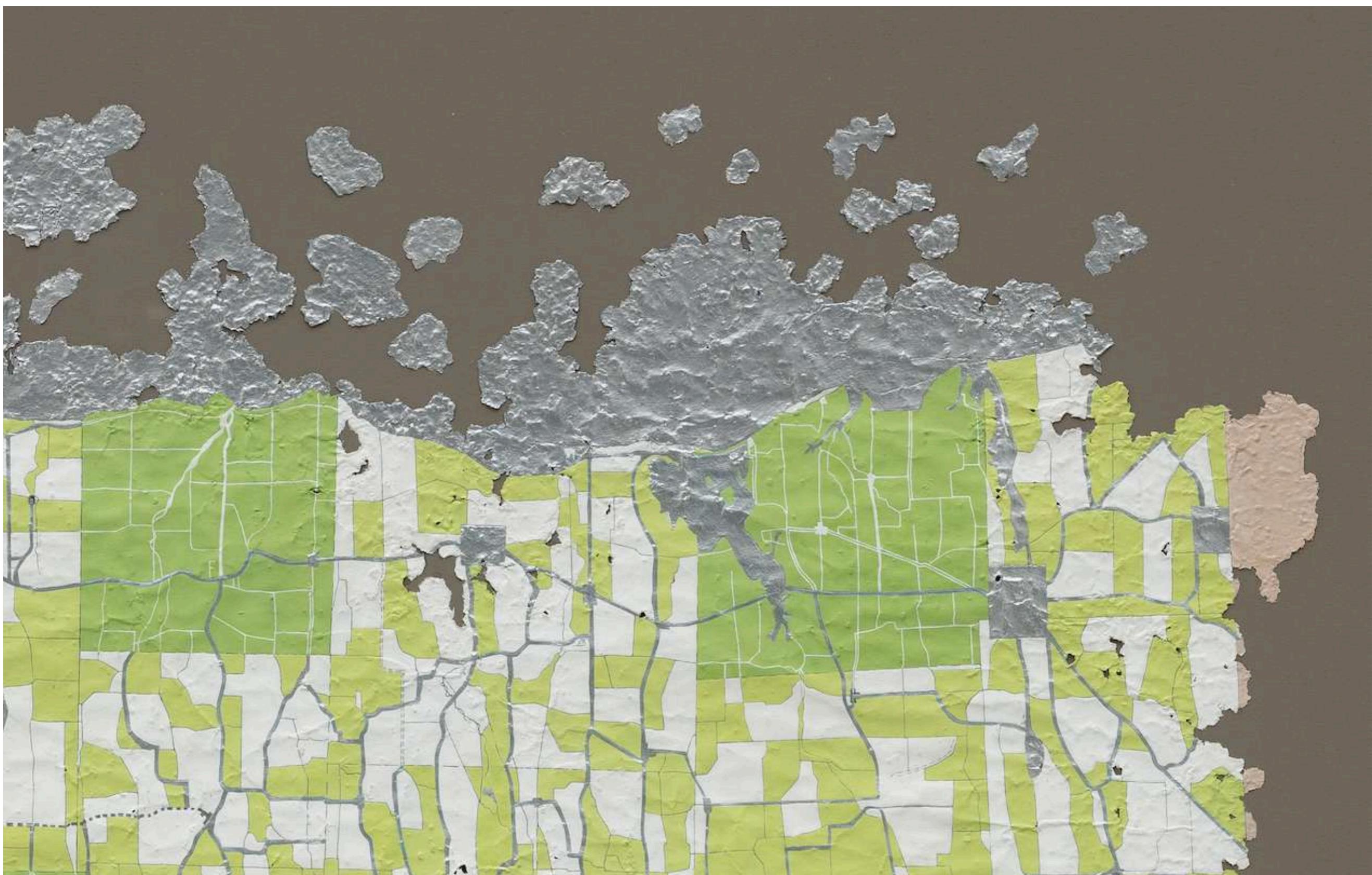


RIVANE NEUENSCHWANDER

Depois da Tempestade | After the storm [20], 2021

Tinta acrílica em mapa, madeira [Acrylic paint on map, wood]

70 x 84 x 6 cm



RIVANE NEUENSCHWANDER

Depois da Tempestade | After the storm [20], 2021

Detalhe [Detail]

Sheroanawe Hakihiiwe



Sem Título (da série Urihi Theri) I [Untitled (from the series Urihi Theri) I], 2020

Acrílico sobre tecido [Acrylic on fabric]

93 x 239 cm

SHEROANAWE HAKIHIWE

Sem Título (da série Urihi Theri) I [Untitled (from the series Urihi Theri) I], 2020

Detalhe [Detail]

Urihi Theri é uma nova série de três grandes pinturas sobre tecido criadas para a recente exposição do artista na Kunsthalle Lissabon. As grandes paisagens horizontais mostram-nos vulcões, árvores e outros elementos vegetais — um compêndio das características naturais do Alto Orinoco criado através de linhas delicadas. O trabalho de Sheroanawe Hakihiwe está intimamente relacionado com Urihi (a selva), onde vive com a sua comunidade e de onde obtêm o seu sustento diário de uma forma que lhes permite viver em harmonia com o seu ambiente. Sheroanawe emprega o seu conhecimento ancestral dos signos e símbolos da cultura Yanomami, e sua aplicação em cestaria e pintura corporal para cerimônias rituais. A sua prática tem-se vindo a centrar na transmissão de memórias orais, mitos, tradições ancestrais e a cosmogonia dos Yanomami, preservando-os da gradual obsolescência e esquecimento.





SHEROANAWE HAKIWIWE

Sem Título (da série Urihi Theri) I [Untitled (from the series Urihi Theri) I], 2020

Detalhe [Detail]

Tadáskía



Mariposa dois [Moth two], 2021

Lápis de cor sobre papel

[Colored pencil on paper]

146 x 164 cm



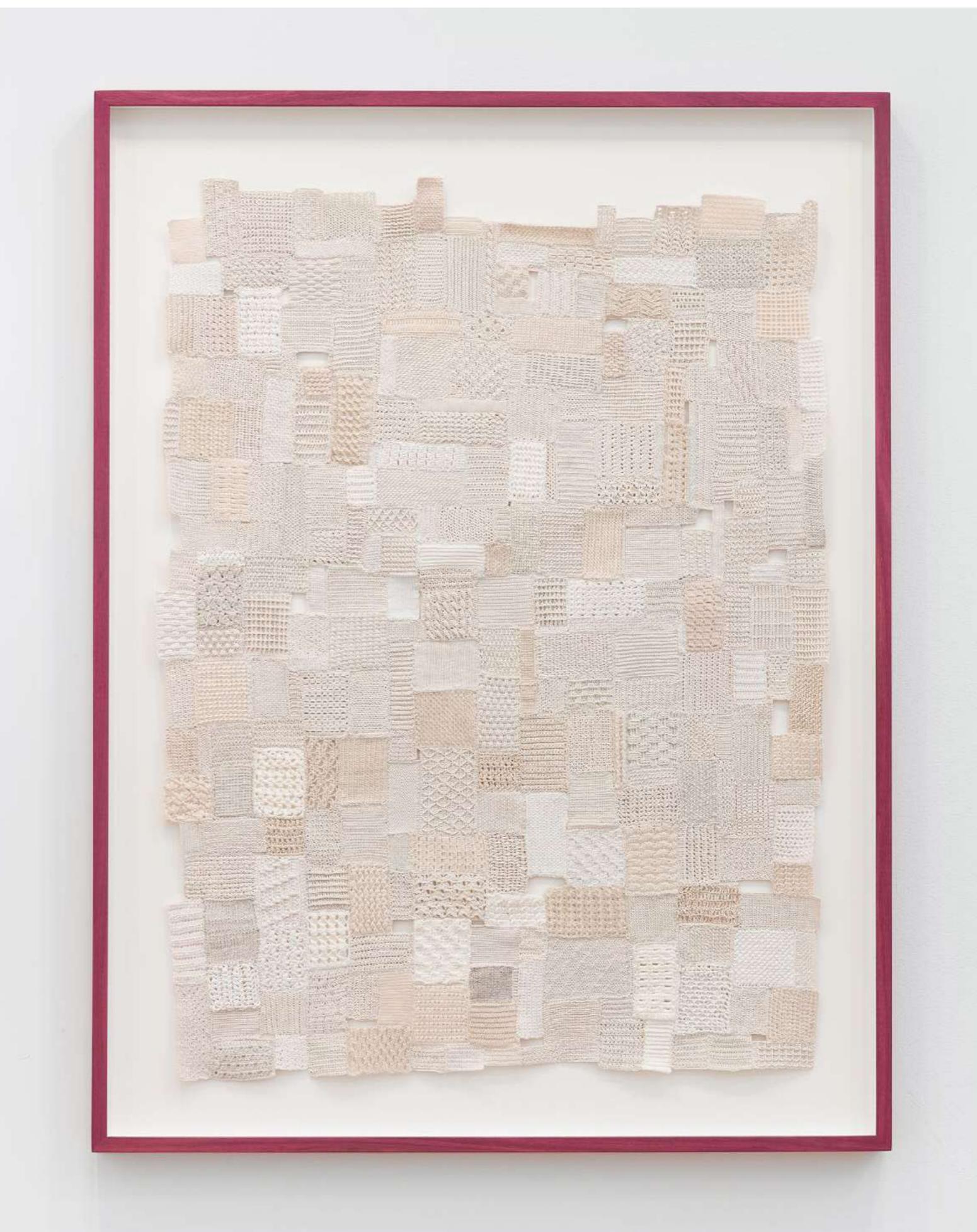
TADÁSKÍA

Mariposa dois [Moth two], 2021

Detalhe [Detail]

A artista trabalha seus desenhos em grupos, trios e duplas. Os grupos são aqueles que foram feitos para ficarem juntos. Os trios e as duplas podem ser separados, viajarem para lugares distantes, desconhecidos. *Mariposa um* e *Mariposa dois* (2021) são essa dupla, esses parentes, que podem se separar e construir suas próprias existências. Ao mesmo tempo, lembram o caráter de transformação das voadoras, dos seres noturnos que, segundo a artista, "se alteram no dia, se aproximando e se afastando, brincando de um lado para outro, misturando-se em direção à vida e confundindo-se nela".

Tonico Lemos Auad

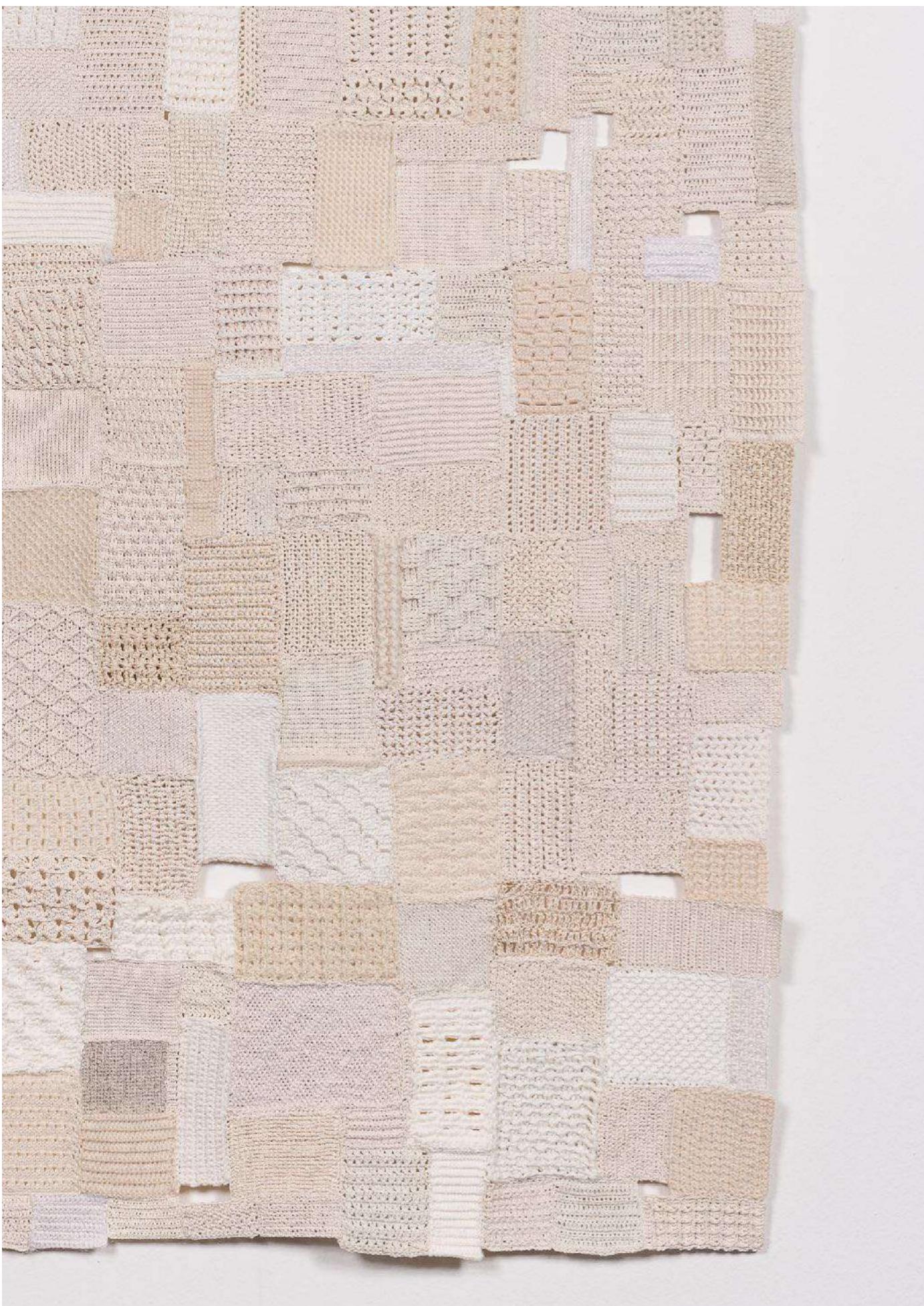


Untitled | Raw, 2018

Linho trançado, seda, algodão, lã e papel

[Woven linen, silk, cotton, wool and paper]

110 x 80 cm



TONICO LEMOS AUAD
Untitled | Raw, 2018
Detalhe [Detail]

A maneira única de trabalhar de Auad subverte as técnicas tradicionais, como costura, talha e alvenaria, e abre novas possibilidades em desenho, tecelagem, escultura e instalação. Pode-se reconhecer imediatamente seu trabalho por sua extraordinária habilidade de toque e a forma como ele une o moderno e o contemporâneo. Por meio de colaborações com uma variedade de fabricantes especializados, Auad explora o cruzamento entre artesanato, habilidade, tradição e herança cultural.



TONICO LEMOS AUAD

Untitled | Raw, 2018

Detalhe [Detail]



TONICO LEMOS AUAD

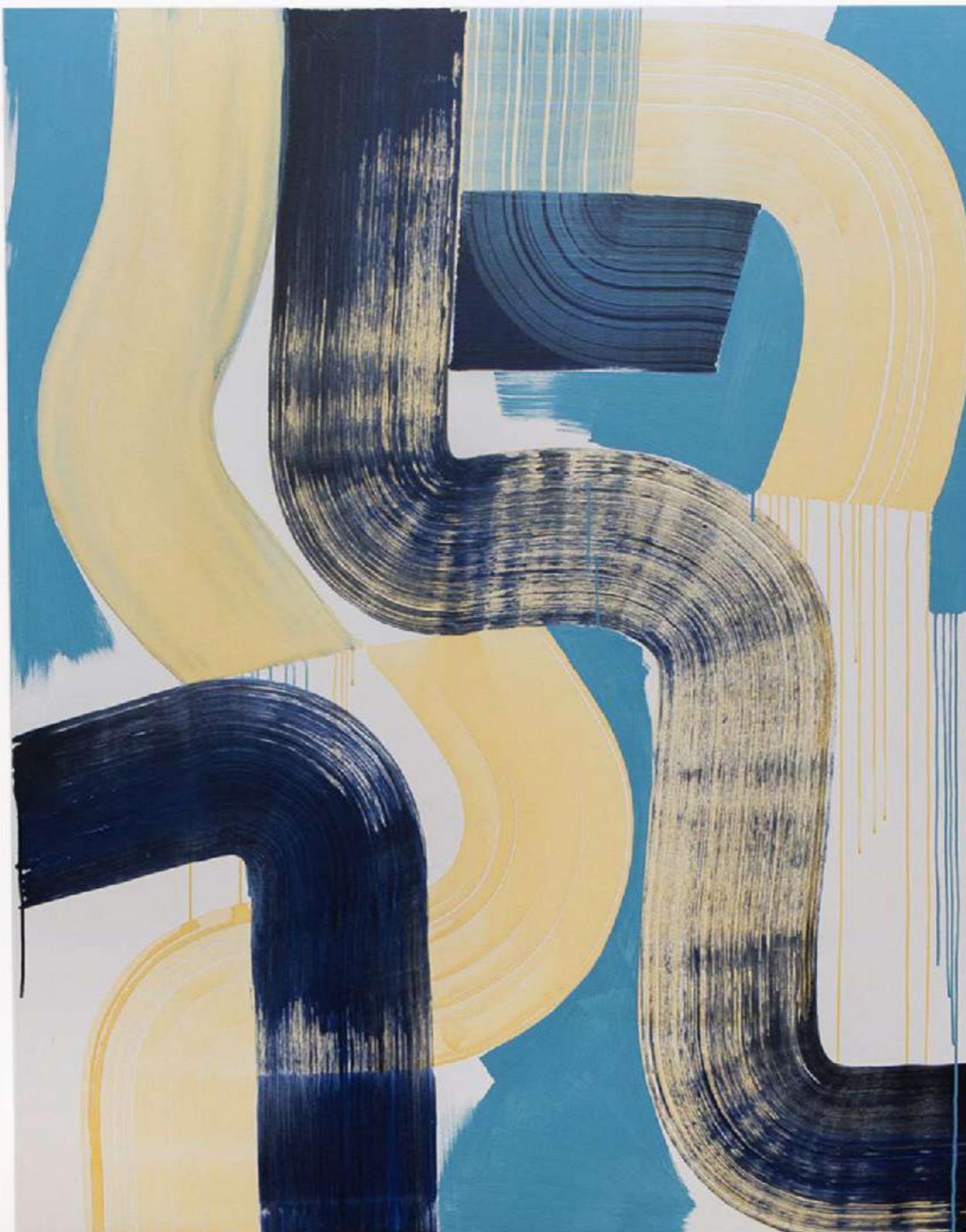
Rituals of rebellion, 2021

Lã, seda e linho trançado sobre linho
emoldurada em madeira purple heart
[Textile wool, silk and linen weave on
linen framed in purple heart wood]

64 x 65 cm

IIºAto: 29 Julho - 29 Agosto

Arnaldo de Melo



Sem Título [Untitled], 2019

Acrílica sobre tela

[Acrylic on canvas]

190 x 150 cm

ARNALDO DE MELO

Sem Título [Untitled], 2019

Justapor, depois embaralhar e voltar a unir uma determinada sequência de caracteres criptografados – como aqueles que Arnaldo encontra nos muros de São Paulo, ou mais precisamente o chamado pixo reto – tem sido a motivação para uma já longa série de telas e papéis que o artista vem produzindo nos últimos dois anos em seu ateliê, localizado no centro histórico da cidade. As pinceladas largas embebidas em tinta acrílica, óleo ou zarcão perfazem, também, o intento do artista em reaproximar-se da caligrafia oriental e do shodo, tradicional expressão artística no Japão que significa Caminho da Escrita. Entre o pixo e o shodo, portanto, é que Arnaldo tem revisto sua escolha pela pintura gestual, à exemplo das duas telas aqui selecionadas *Sem Titulo* (2019), nas quais o azul e o amarelo predominam, perfazendo uma “escrita” que se forma e se desfaz no limiar das telas.





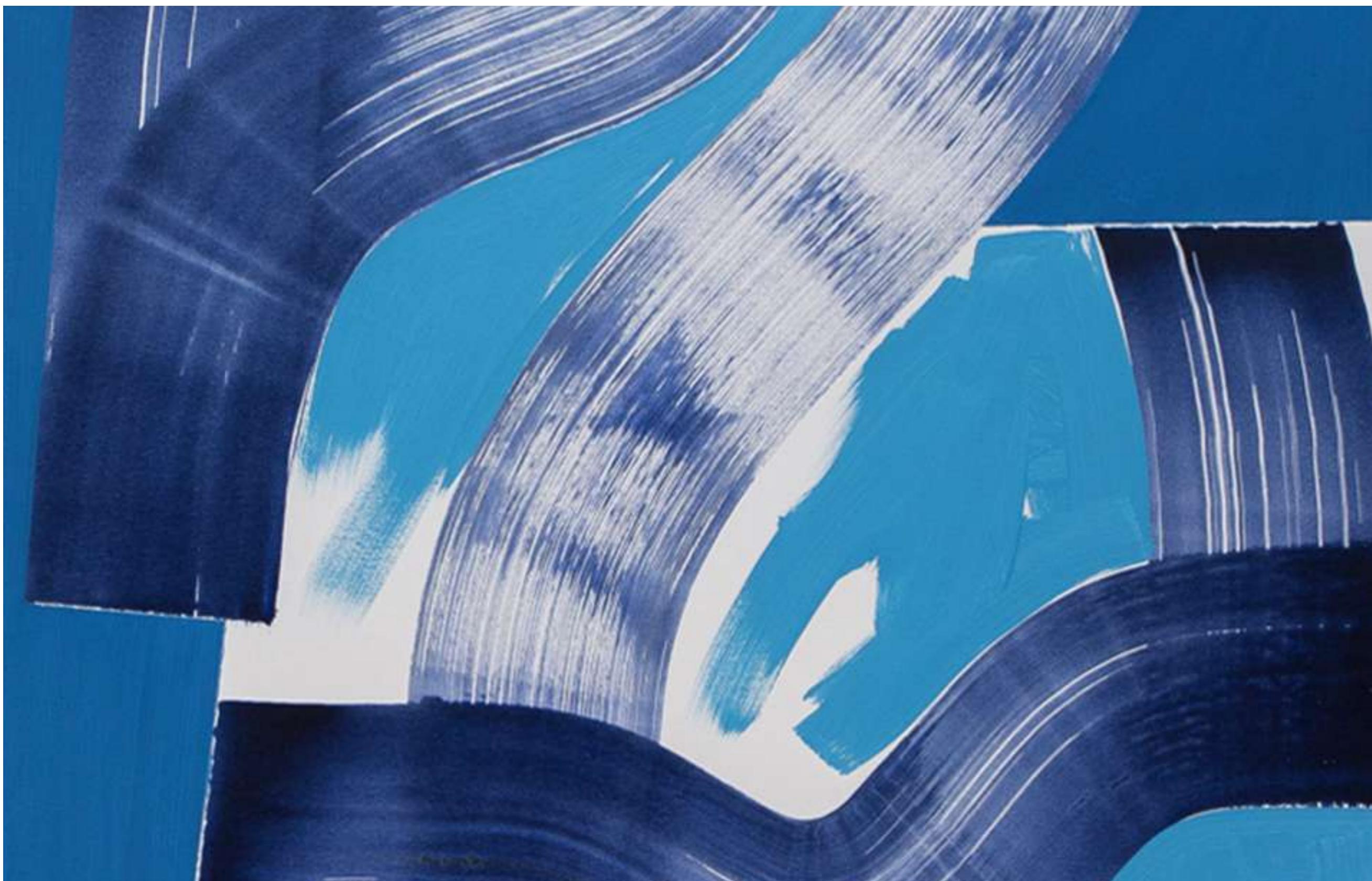
ARNALDO DE MELO

Sem Título [Untitled], 2019

Acrílica sobre tela

[Acrylic on canvas]

190 x 150 cm



ARNALDO DE MELO
Sem Título [Untitled], 2019
Detalhe [Detail]

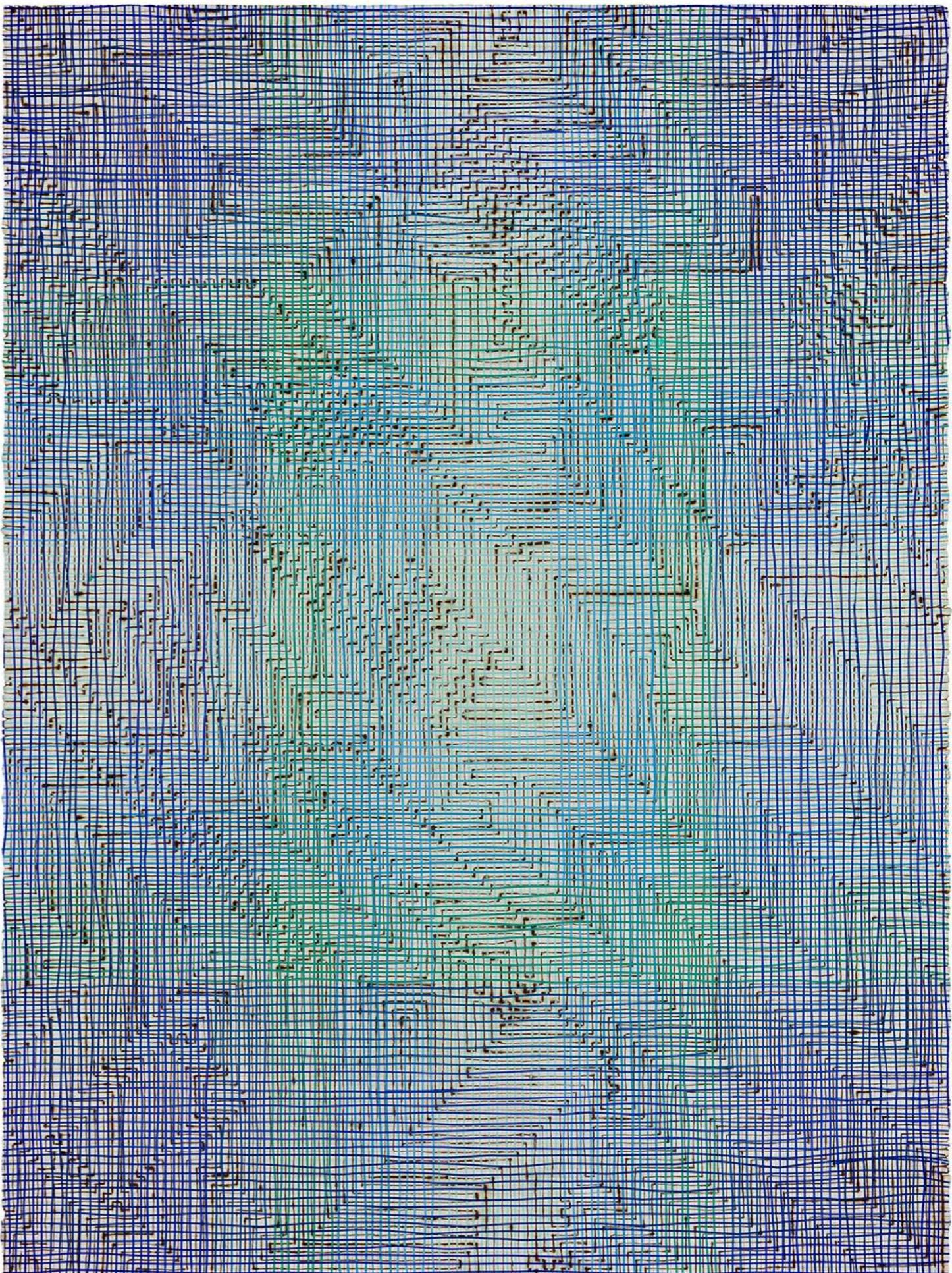
Caetano de Almeida

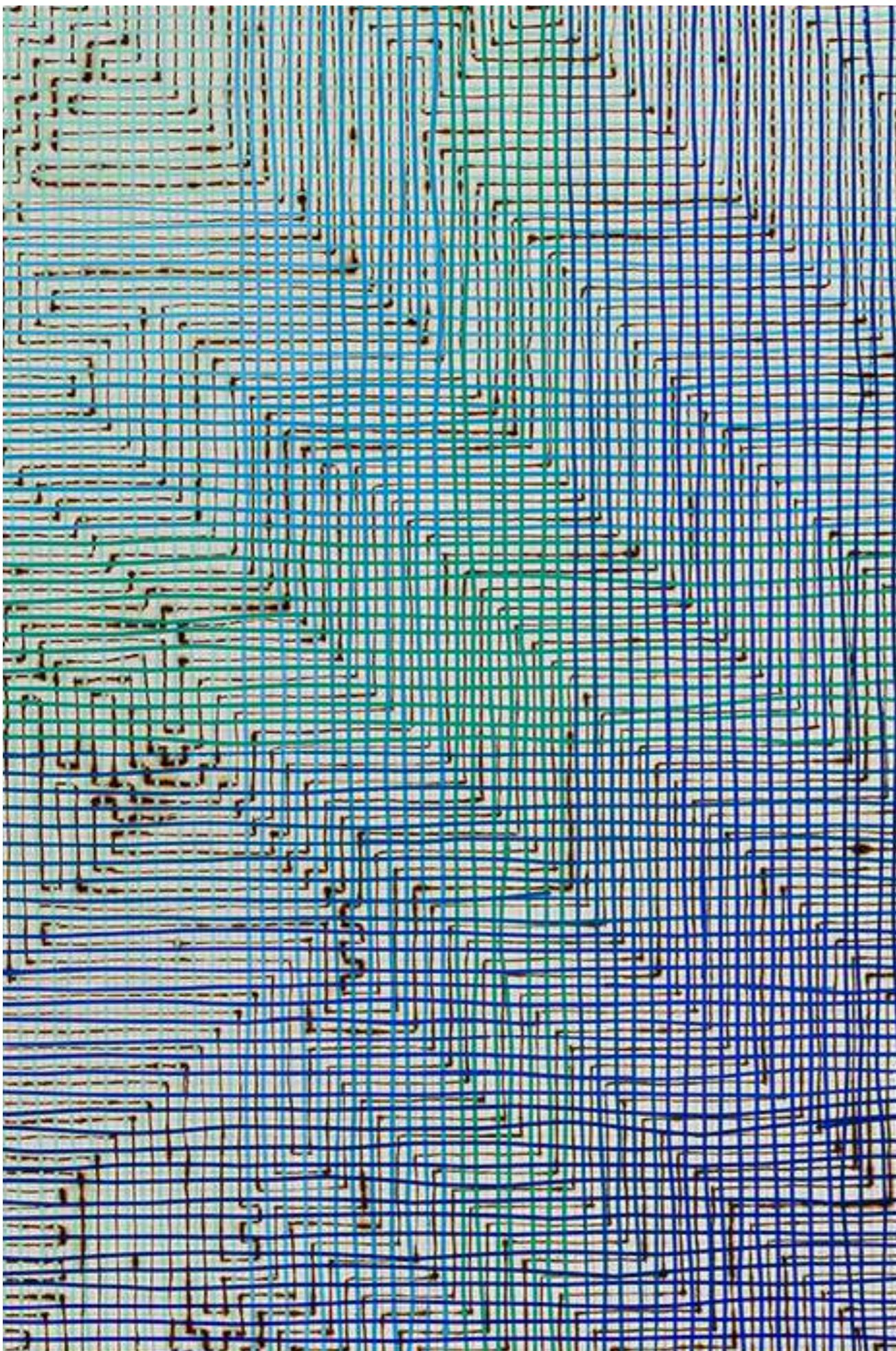
Anni e Josef 2, 2020

Pirógrafo e acrílica sobre papel

[Pyrograph and acrylic on paper]

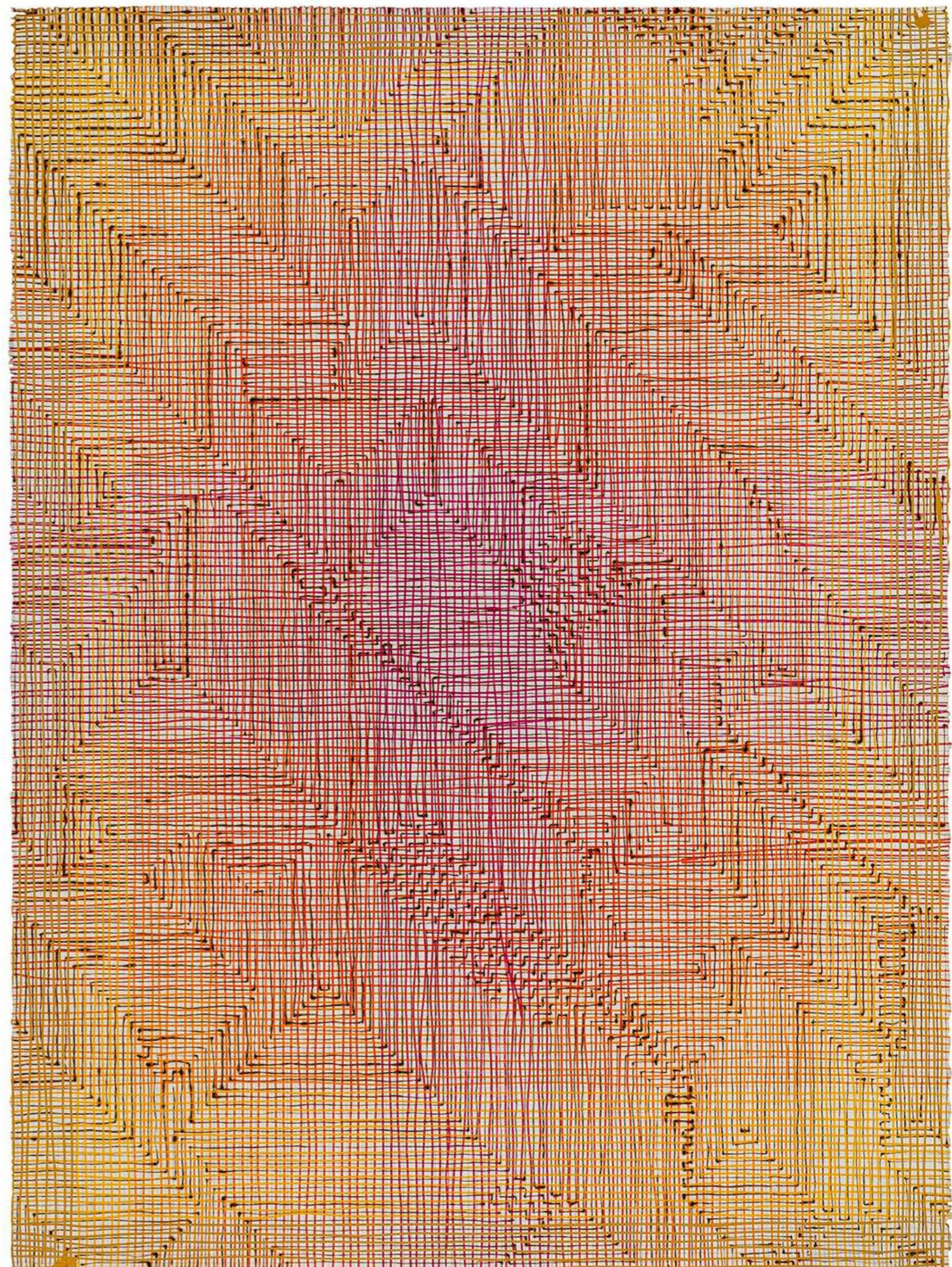
Emoldurada [Framed]: 86 x 67 x 4 cm





CAETANO DE ALMEIDA
Anni e Josef 2, 2020
Detalhe [Detail]

As composições mais recentes de Caetano de Almeida são opticamente carregadas, cromáticas e frequentemente caracterizadas por padrões feitos de recortes circulares e buracos. A estrutura geométrica dos trabalhos aponta para a rica história da arte geométrica e neoconcreto brasileira; e para a história da arte moderna: a série *Anni e Josef* é uma homenagem ao extenso legado de Anni e Josef Albers, que inclui mas não se limita à pintura e a tecelagem.



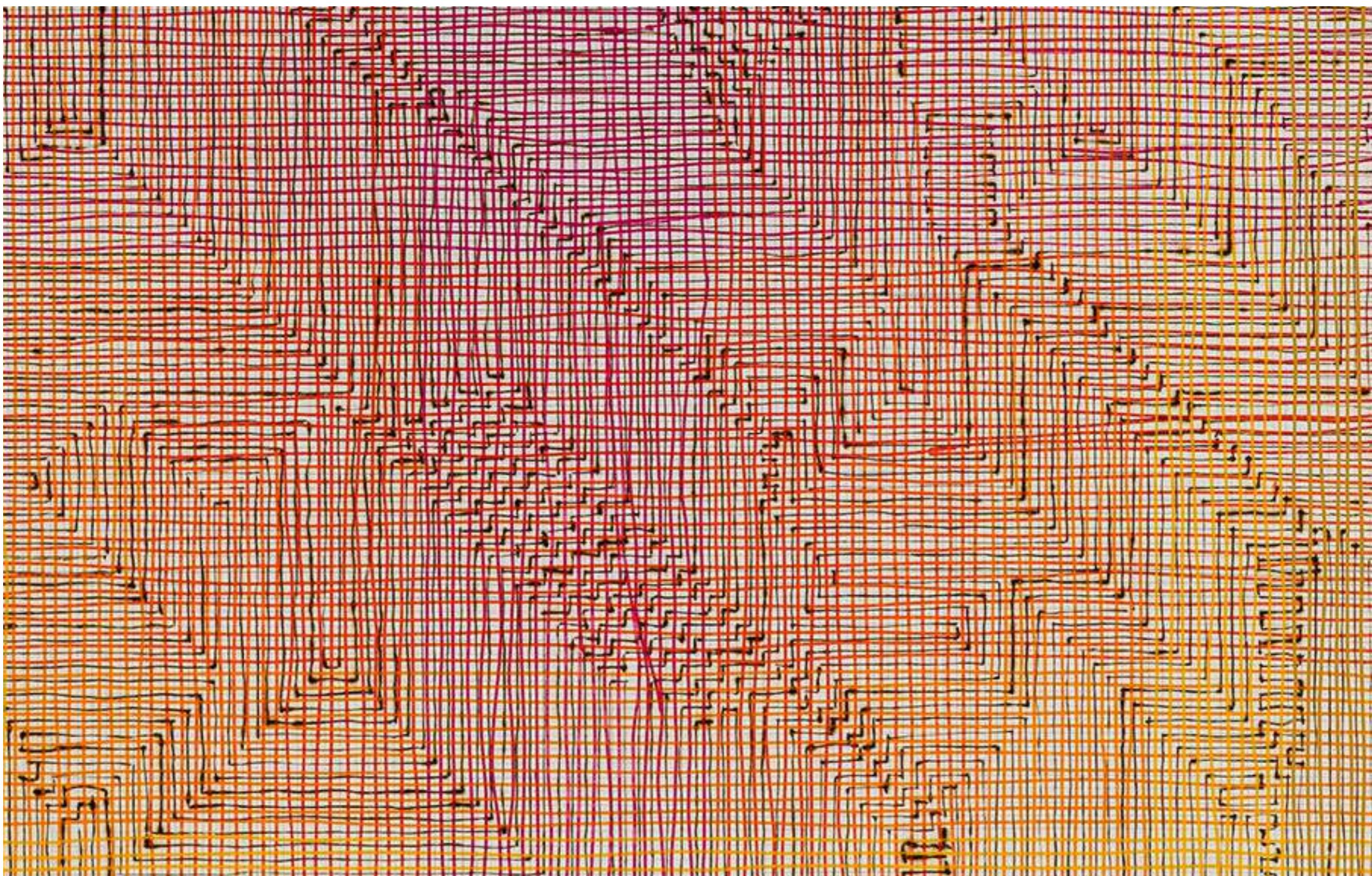
CAETANO DE ALMEIDA

Anni e Josef 4, 2020

Pirógrafo e acrílica sobre papel

[Pyrograph and acrylic on paper]

Emoldurada [Framed]: 86 x 67 x 4 cm



CAETANO DE ALMEIDA

Anni e Josef 4, 2020

Detalhe [Detail]

Edu de Barros



Tornado IV, 2021

Acrílica, pastel oleoso, tinta spray, grafite, carvão e verniz em algodão cru

[Acrylic, oil pastel, spray paint, graphite, charcoal and varnish on raw cotton]

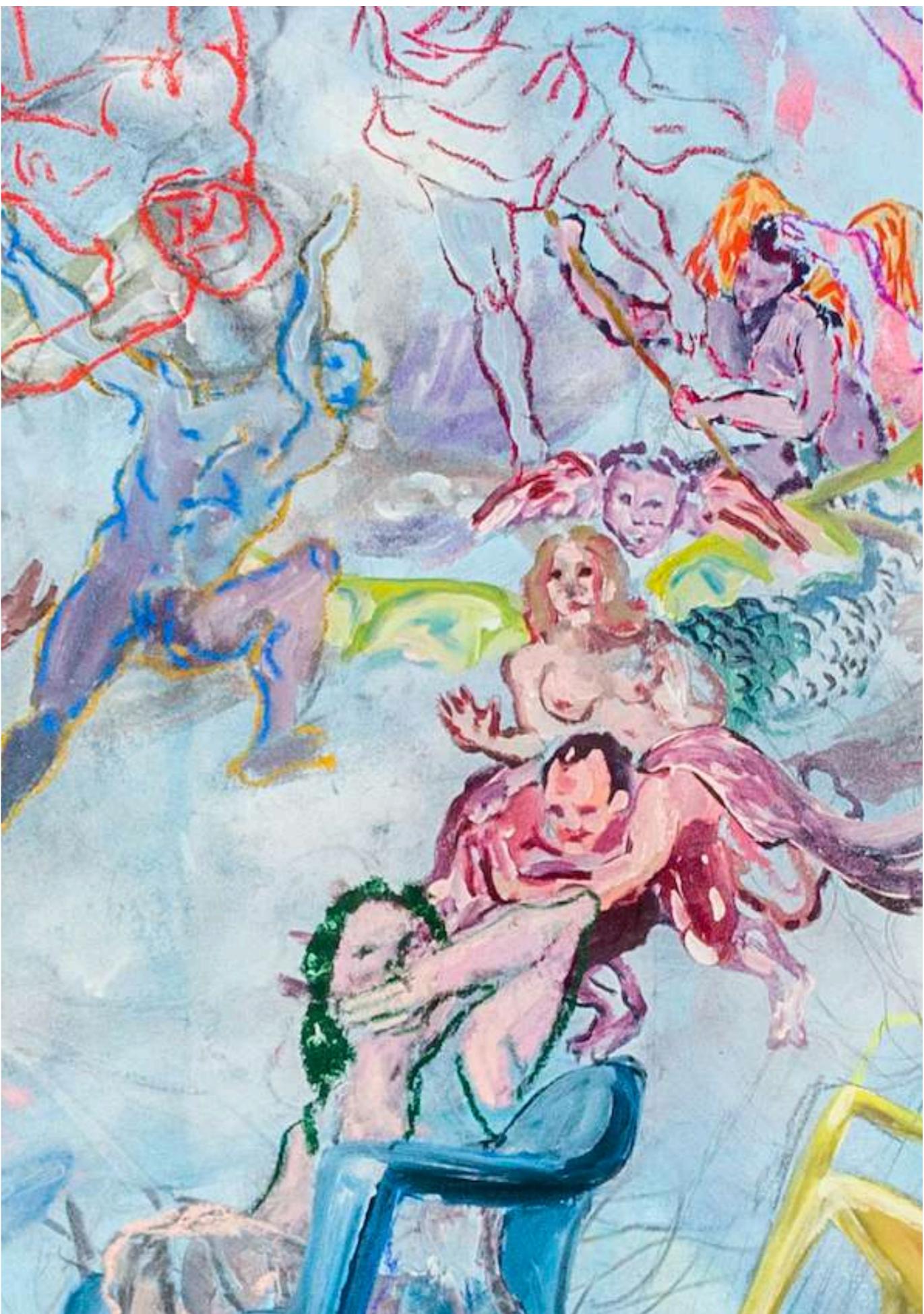
125 x 152 cm

EDU DE BARROS

Tornado IV, 2021

Detalhe [Detail]

Em *Tornado IV* (2021), o artista opera a tela como uma janela para um universo paralelo. Se distanciando de uma intenção narrativa, busca materializar o aspecto sublime das sensações e de acontecimentos cotidianos. Segundo Edu, o olho do espectador é guiado pela superfície da pintura num trajeto difuso por diversos acontecimentos entre personagens, objetos clássicos e contemporâneos suspensos em um mesmo espaço-tempo.



Erika Verzutti



Year, 2020

Óleo sobre bronze [Oil on bronze]

47,5 x 36,5 x 10 cm

Única [Unique]



Empregando uma variedade de materiais escultóricos - bronze, concreto, argila, papel machê – Erika Verzutti alcança resultados surpreendentes ao se apropriar e explorá-los além dos usos convencionais e históricos da arte. O relevo de parede *Year* (2020) demonstra o interesse de Verzutti com o ciclo de notícias diárias e com o gosto dos cubistas em incorporar jornais e comentários políticos em suas pinturas. Por outro lado *Cemetery of Minis* (2021) — composição de sobras e pequenos objetos de diferentes materiais encontrados no ateliê — revela a atenção da artista a detalhes e texturas.



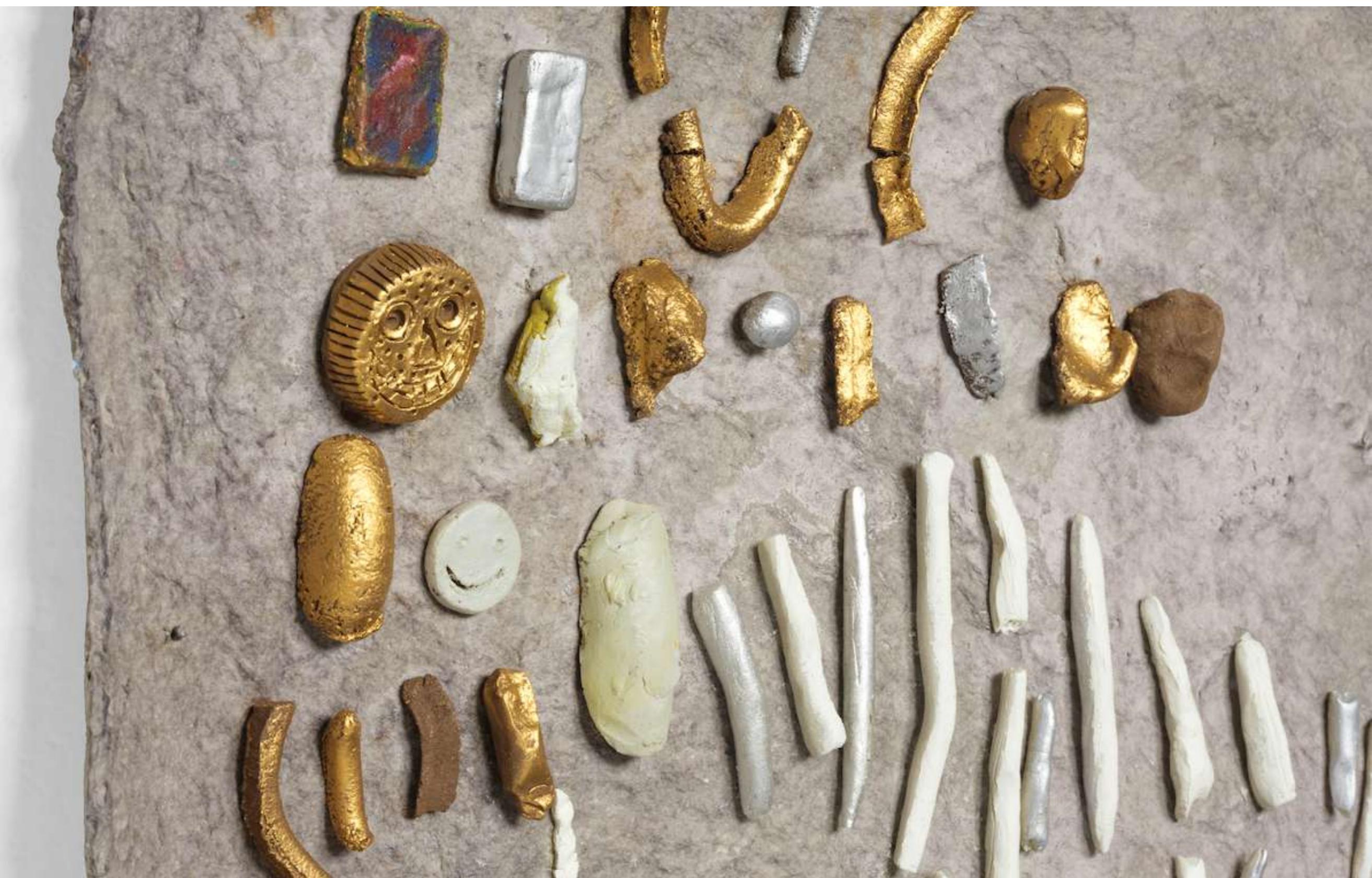
ERIKA VERZUTTI

Year, 2020

Detalhe [Detail]



ERIKA VERZUTTI
Cemetery of Minis, 2020
Papel machê, argila, óleo e cera [Papier-mâché, clay, oil paint and wax]
50 x 60 cm



ERIKA VERZUTTI
Cemetery of Minis, 2020
Detailhe [Detail]



ERIKA VERZUTTI

Cemetery of Minis, 2020

Fernanda Gomes

Sem Título, 2019
Madeira, tinta de parede
[Wood, wall paint]
190 x 53 x 17,5 cm

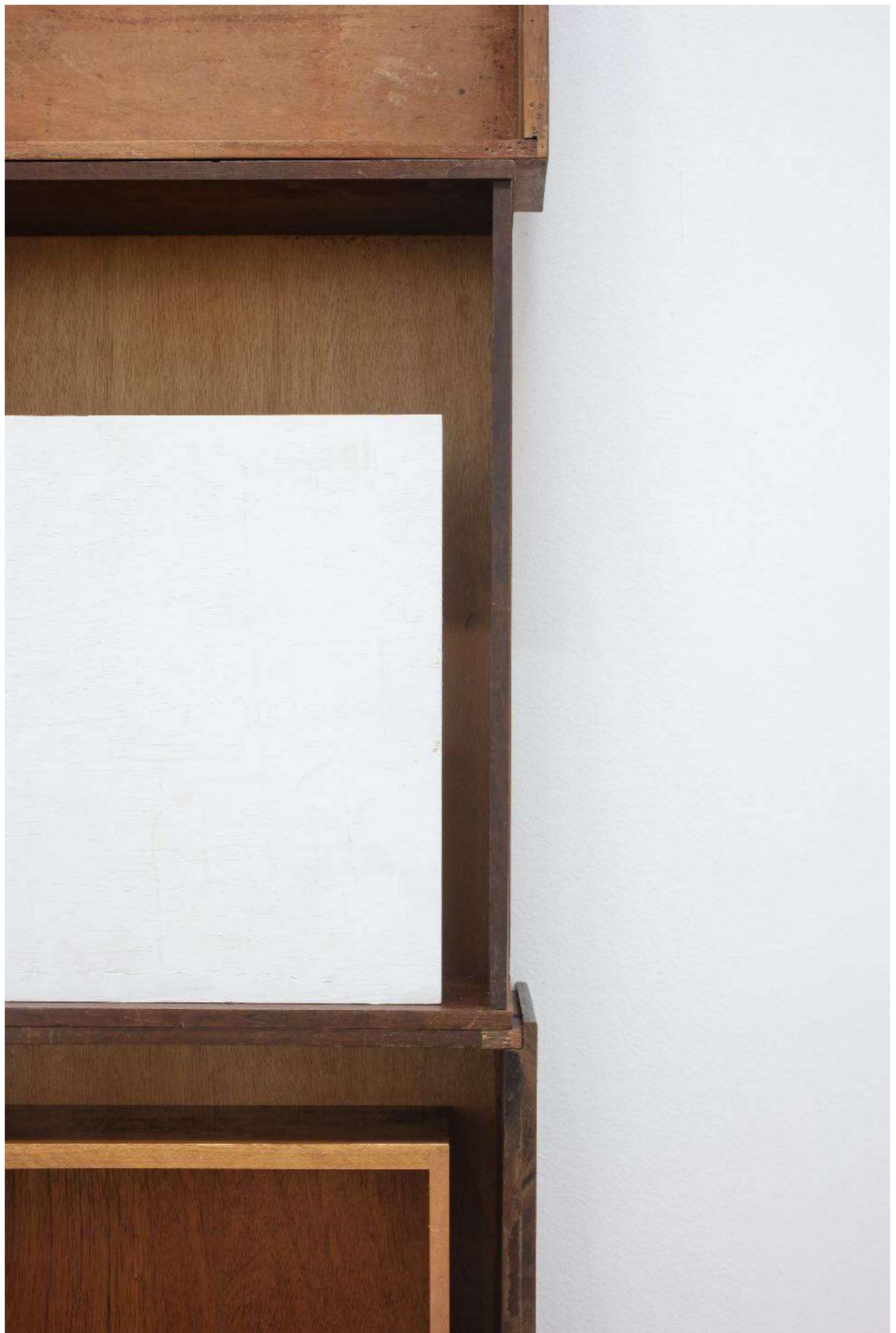




Artista em tempo integral, seu trabalho ocupa todo o espaço onde vive, mesmo quando promove o vazio. Fernanda Gomes trabalha em qualquer lugar, quase como se estivesse em casa. Viaja com frequência para fazer exposições e se sente melhor quando vai com pouca bagagem; as coisas estão em toda a parte. A paleta de brancos e dos materiais crus assume uma visão radical da cor, que inclui a luz como matéria, literalmente. A reunião dos trabalhos no espaço é tratada como obra em si, em exposições irrepetíveis, que reagem a contextos diversos. Ainda assim, acredita em obras de arte autônomas, em seu sentido mais primitivo de objeto vivo. Os materiais modestos, a escala humana, a dimensão lúdica, contribuem para uma significação aberta e pessoal para cada observador.



FERNANDA GOMES
Sem Título, 2019
Detalhe [Detail]



FERNANDA GOMES
Sem Título, 2019
Detalhe [Detail]

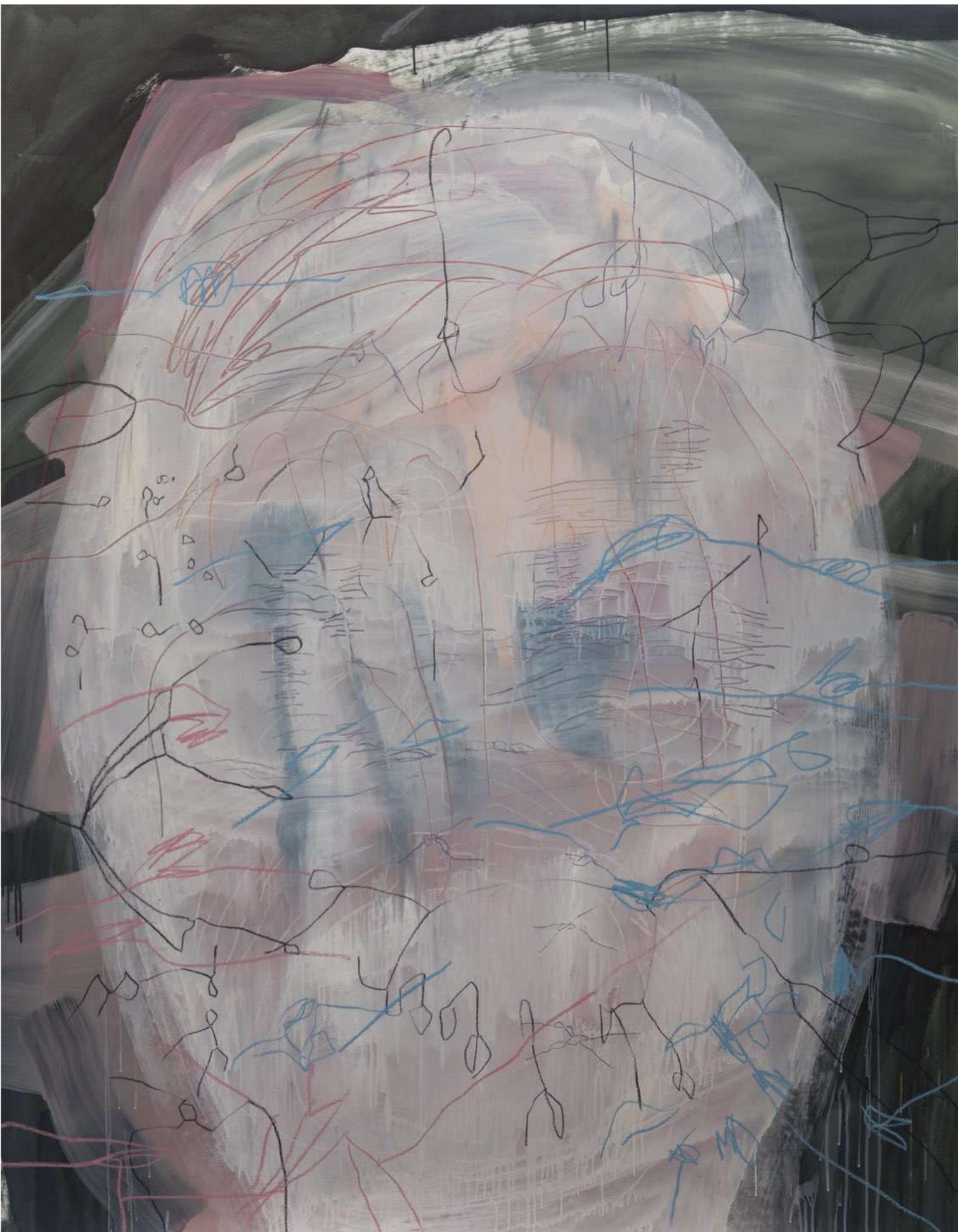
Janaina Tschäpe

Self Map, 2019

Tinta à base de caseina e lápis de cor aquarelável sobre tela

[Casein and watercolor pencil on canvas]

214 x 165 cm





Janaina Tschäpe habita um território entre a realidade e a fabulação, entre a paisagem vista, a paisagem lembrada e a paisagem retratada. Nas pinturas abstratas persiste o contraste entre os traços marcantes de giz pastel e as pinceladas aquosas à base de caseína. *Self Map* (2019) nasce do desejo da artista de retratar a figura humana como uma paisagem, mas no final o que é retratado é uma dimensão totalmente psicológica. Deslizando atmosféricamente entre o figurativo e o abstrato, a obra convida o olhar a viajar, sem exigir um cronologia ou narrativa.

Kim Lim



Narcissus, 1959

Bronze

61,5 x 52 x 52 cm

KIM LIM

Narcissus, 1959

Detalhe [Detail]

Fascinada tanto pela história da arte ocidental quanto por sua cultura material, em *Narcissus* (1951) Lim dialoga diretamente com o mito grego de Narciso, filho do deus do rio Cefiso e da ninfa Liriope. Com um toque sensual, Lim moldou uma abstração de Narciso inclinado sobre uma piscina de água, enganado pela deusa da vingança, Nêmesis, para olhar seu próprio reflexo. Se o momento representado é o do protagonista apaixonado (embora com seu próprio reflexo) ou o do desespero pela constatação da impossibilidade de um amor recíproco, permanece sem resposta. Tal como acontece com todas as obras de Lim, o caminho para a interpretação permanece aberto.

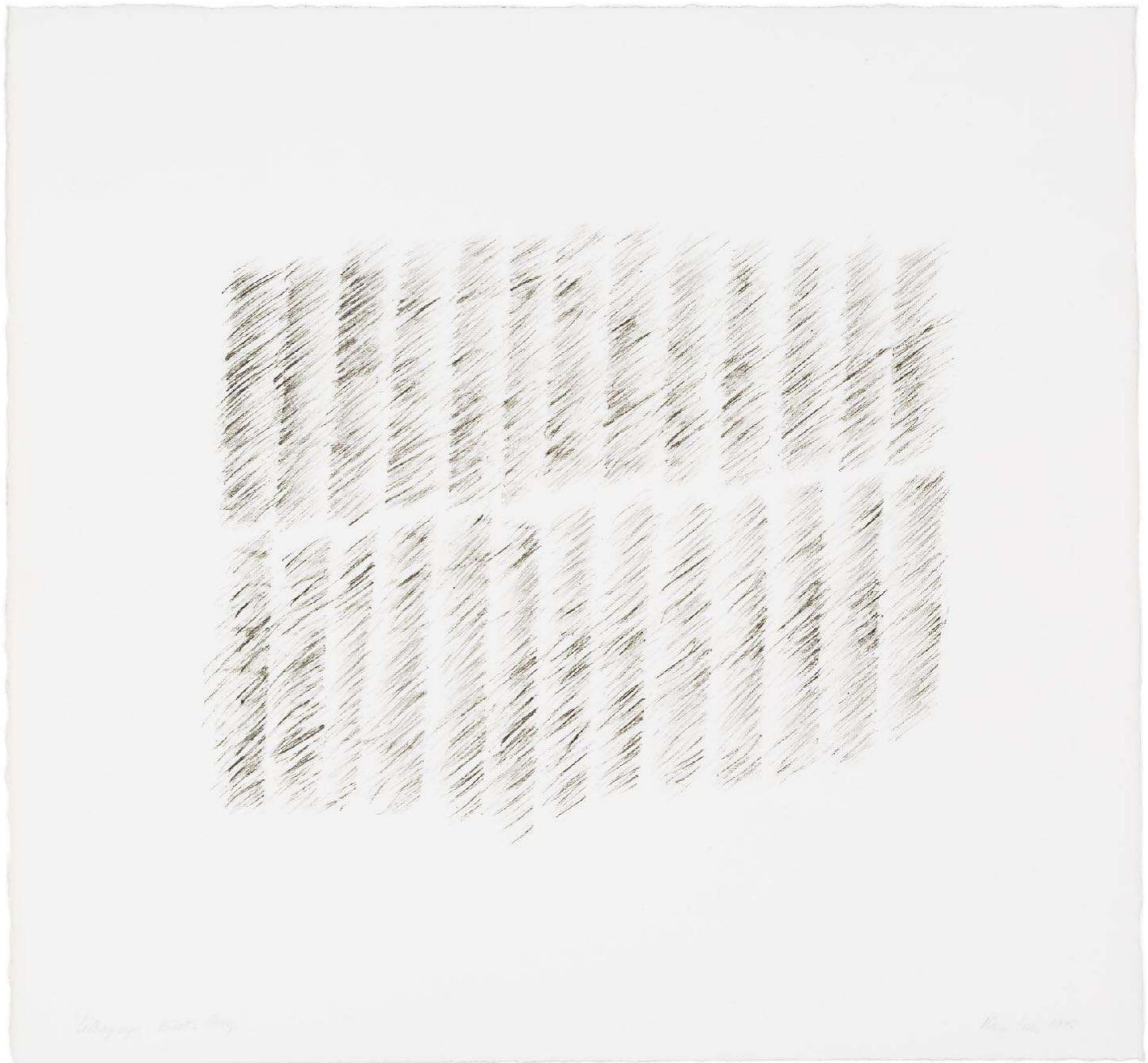




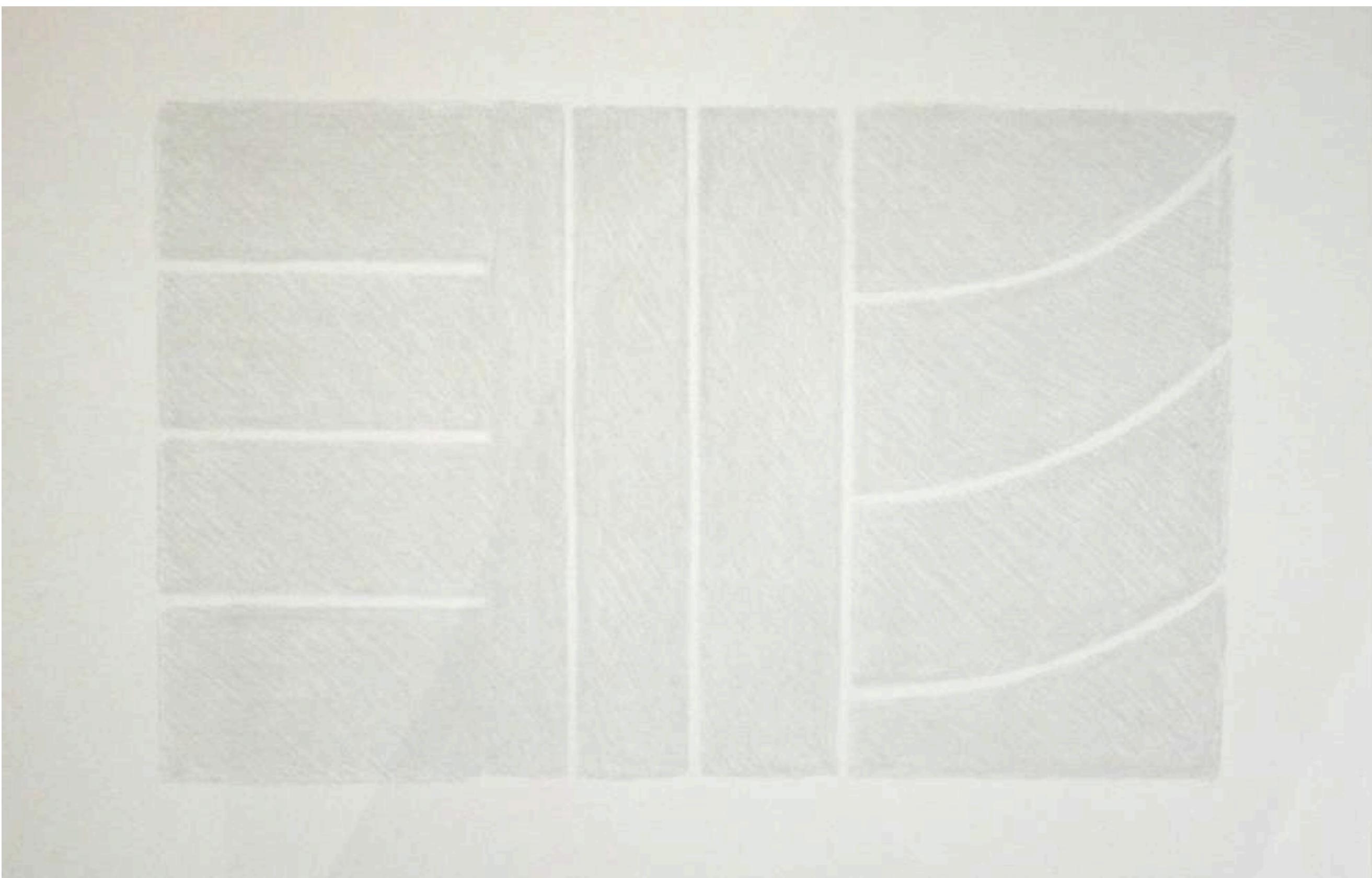
KIM LIM
Caryatid, 1961
Madeira e pedra
[Wood and stone]
95 x 45 x 20 cm



Em *Caryatid* (1961) Lim novamente extrai do classicismo grego, mas desta vez da linguagem arquitetônica do ambiente construído. Uma cariátide é uma forma feminina esculpida que serve como suporte arquitetônico de uma coluna e pode ser rastreada até os templos de Delfos. Um conjunto de blocos esculpidos em mármore e madeira empilhados uns sobre os outros, *Caryatid* espelha a funcionalidade do elemento arquitetônico, mas resiste à identificação formal, com apenas o título fornecendo a exegese necessária para compreender sua origem.



KIM LIM
Untitled Lithograph, 1993
Litogravura [Litograph]
47 x 58 cm
Edição de [Edition of] 20 + 14 AP



KIM LIM

Untitled Litograph (White on White), 1993

Litogravura [Lithograph]

54,5 x 72 cm

Edição de [Edition of] 24 + 1 AP

Laura Lima



Wrong Drawing, 2071

Fio de algodão e carvão

[Cotton thread and charcoal]

125 x 80 cm

LAURA LIMA
Wrong Drawing, 2071
Detalhe [Detail]

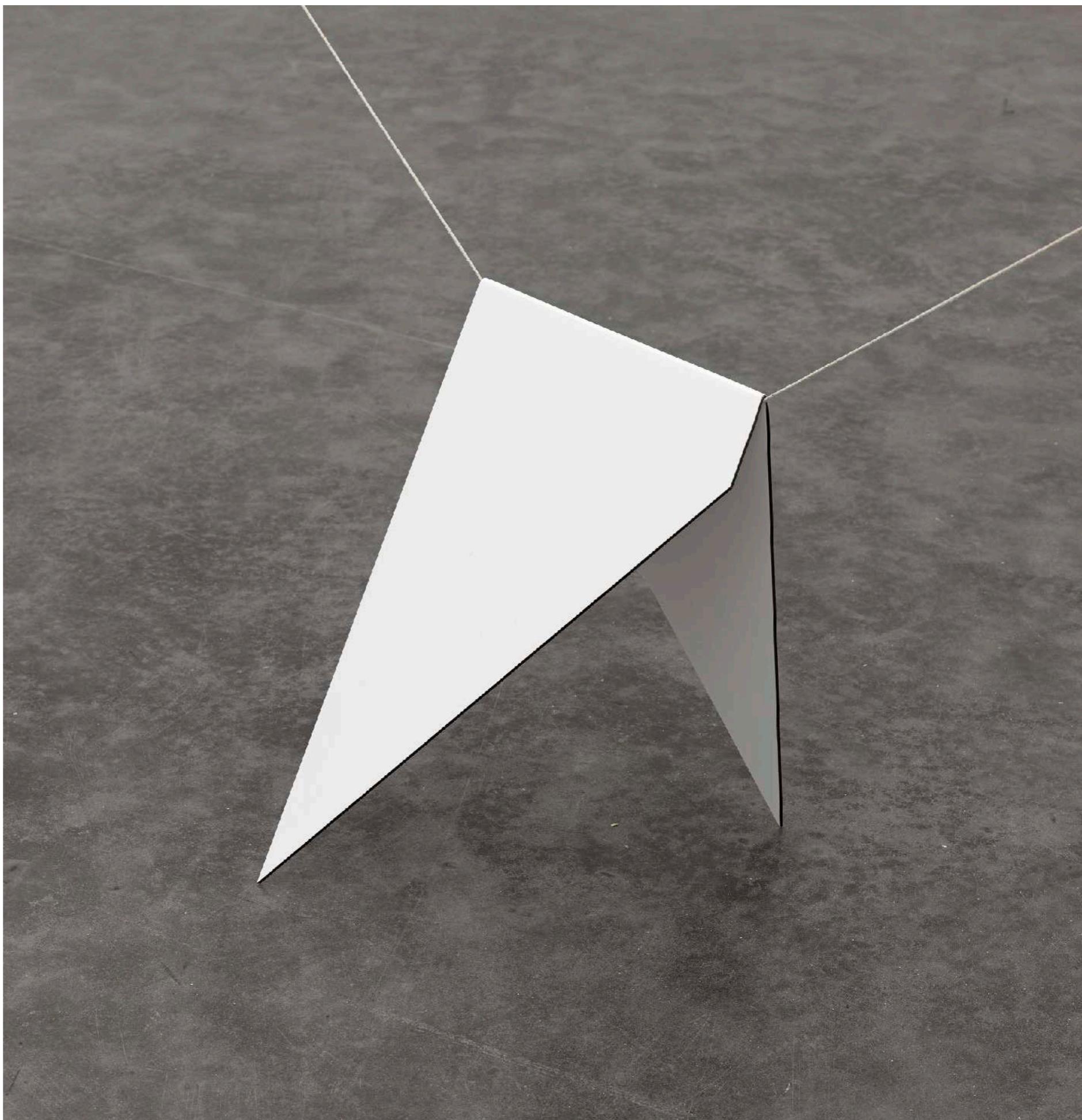


Os *Wrong Drawings* (ou Desenhos Errados) são trabalhos feitos de algodão natural, muitas vezes com pedaços de carvão presos a eles. Com o tempo, essas obras ficam manchadas pela cor do carvão. Os 'desenhos' são datados de anos a partir de agora, sugerindo um momento futuro em que eles seriam concluídos.



LAURA LIMA
Wrong Drawing, 2071
Detalhe [Detail]

Marcius Galan



Bandeirinha [Bunting], 2013

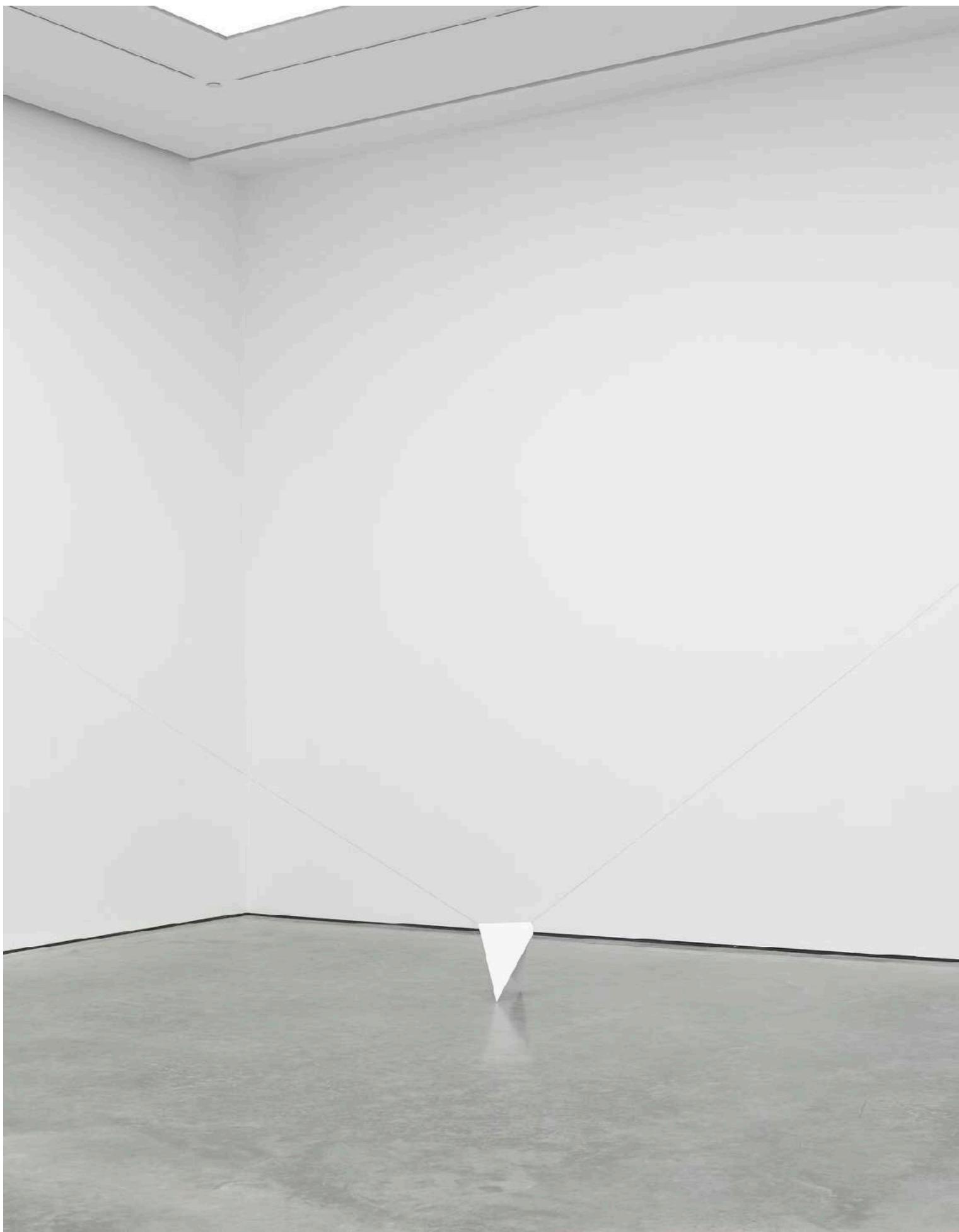
Ferro pintado e corda

[Painted iron and string]

Dimensões variáveis [Variable dimensions]

Bandeira [Flag]: 40 x 25 x 3 cm

Edição de [Edition of] 3 + 1 AP



Marcius Galan explora as capacidades metafóricas do espaço e nossa relação com ele por meio de sua prática abrangente que inclui instalação, escultura, fotografia e vídeo. Com uma estética reconhecidamente mínima, Galan emprega geometria abstrata para delinear as implicações políticas e sociais dos ambientes escolhidos, desconstruindo os códigos de objetos estabelecidos através do uso diário. Embora essas configurações sejam sempre executadas com simplicidade gráfica, as obras de Galan são, na verdade, experimentos materiais complexos que interrogam as funções, os limites e as fronteiras do espaço e, por extensão, os sistemas sociopolíticos que nele residem.

Marina Rheingantz



Marujo, 2021
Óleo sobre tela
[Oil on canvas]
170 × 210 cm

MARINA RHEINGANTZ

Marujo, 2021

Detalhe [Detail]

Desde o início de sua carreira, Marina Rheingantz tem na paisagem o tema constante de sua pintura. Ela parte de cenas de viagens ou de recordações da infância – em especial, as vastas searas de Araraquara, cidade no interior de São Paulo onde nasceu – para compor ambientes remotos que tendem à abstração. O processo é de grande importância para a artista que aplica grossos pedaços de tinta de óleo na tela e, em seguida, prossegue para a construção da pintura por meio da manipulação da cor e da matéria. Ela busca criar as paisagens que deseja (re)visitar, mas que parecem estar para sempre em construção. Emanando uma atmosfera difusa como a própria memória, suas paisagens transitam entre a quietude e a distopia, nas quais a presença humana nunca se revela enquanto figura, mas através de vestígios.





MARINA RHEINGANTZ

Marujo, 2021

Detalhe [Detail]

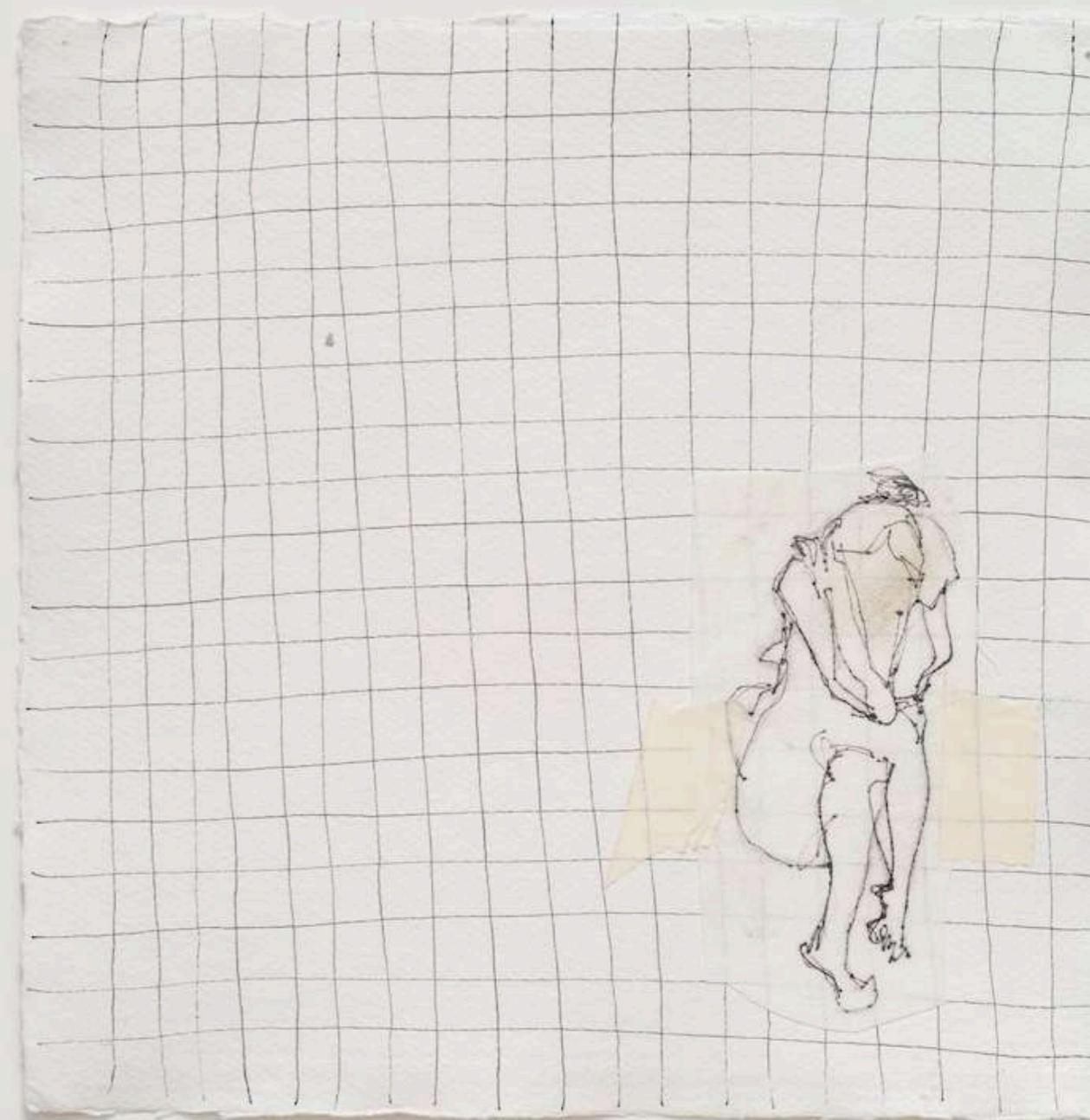
Marina Saleme



Apartamento S, 2019-2021
Técnica mista sobre papel
[Mixed media on paper]
9 desenhos [drawings]
30 x 30 cm cada [each]



O que leva alguém a repetir a mesma ação tantas vezes e por tanto tempo, é a pergunta que me faço ao observar a instalação *Apartamento s* (2019-2021) que Marina Saleme agora apresenta: a artista literalmente refaz mais de mil vezes a mesma figura e, em cada repetição, a imagem ali representada é uma, embora seja sempre a mesma. Marina me conta que, faz algum tempo (uns dois anos), folheando uma revista, de repente deu de cara com uma foto representando uma mulher “debruçada sobre si mesma”. Seguiu adiante aparentemente sem se sentir tocada pela foto, mas, num determinado momento percebeu que era imperioso voltar à imagem e resgatá-la. Então, retornou à página e retirou a imagem daquela mulher “debruçada sobre si” do contexto da revista. [Tadeu Chiarelli]



MARINA SALEME
Apartamento S, 2019-2021
Detalhe [Detail]

Mauro Restiffe

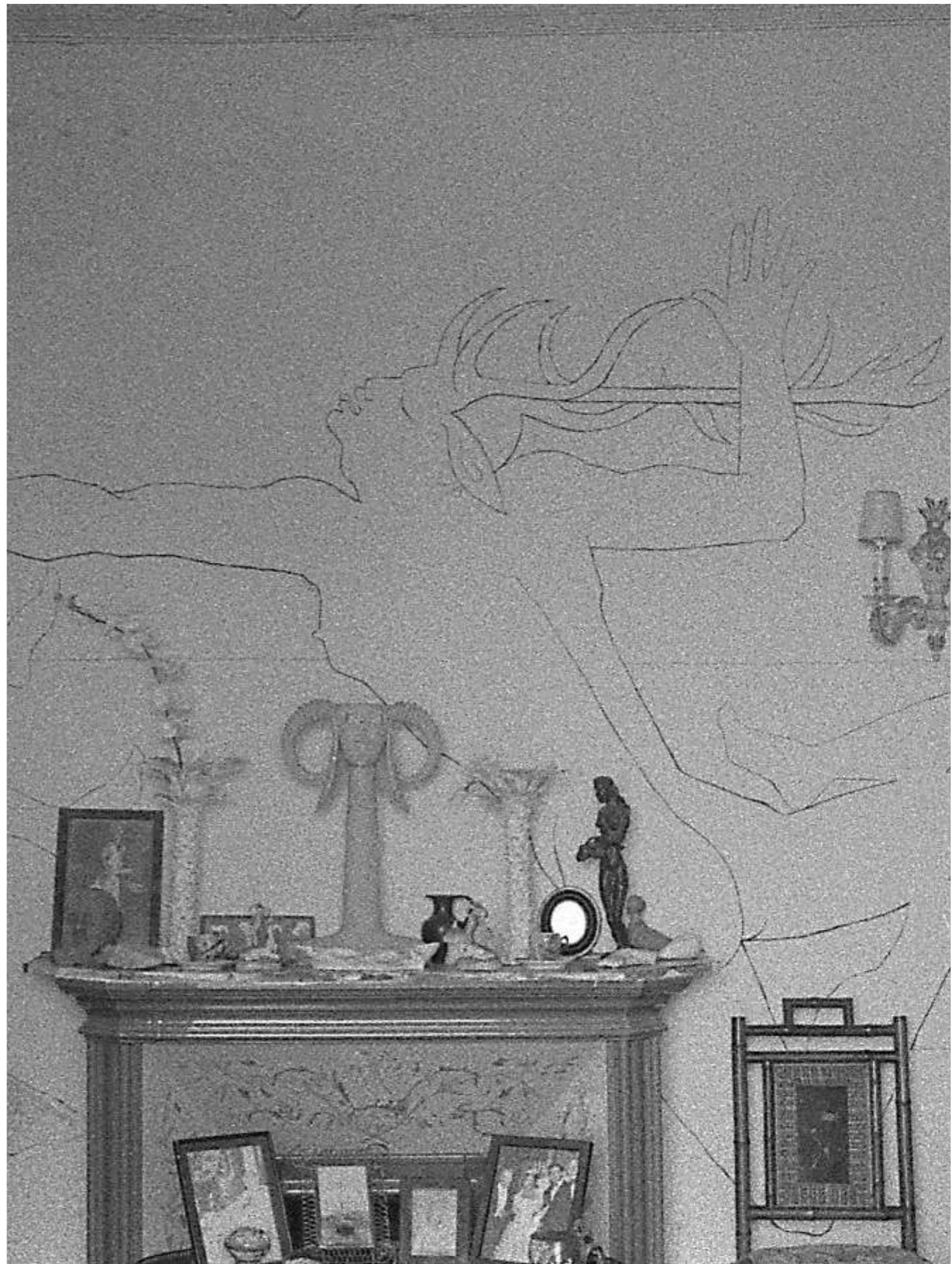


Santo Sospir #1, 2018

Fotografia em emulsão de prata [Gelatin silver print]

130 x 195 cm

Edição de [Edition of] 3 + 2 AP



Desde o final dos anos 1980, Mauro Restiffe vem fotografando com o uso de tecnologia analógica e, em maior parte, em preto e branco. Baseando-se numa espécie de observação oblíqua daquilo que o circunda, o artista dirige seu interesse a imagens aparentemente inusitadas, revelando uma sensibilidade particular. Restiffe resiste ao óbvio, evitando ângulos pitorescos e privilegiados voltando suas lentes para os bastidores e cantos comuns que podem revelar mais sobre a vida de uma nação do que qualquer imagem monumental. Em 2018 ele fotografou a famosa Villa Santo Sospir, uma casa no sul da França que na segunda metade do século XX pertenceu a socialite Francine Weisweiller. Através da sua camera Restiffe imortaliza não só as pinturas murais de Jean Cocteau que decoram a maioria dos quartos, mas também os pequenos detalhes e objetos que habitam a casa..

Michel Zózimo



A Noite azul de Funes [The Blue Night of Funes], 2021

Lápis aquarelável e nanquim sobre papel algodão [Watercolor pencil and China ink on cotton paper]

90 x 120 cm

MICHEL ZOZIMO

A Noite azul de Funes [The Blue Night of Funes], 2021

Detalhe [Detail]



Em série recente, o artista tem trabalhado desenhos que simulam o tratamento gráfico das ilustrações encontradas em publicações científicas, mobilizando linguagens como a ausência de narrativa, o descolamento entre figura-fundo e a ideia de estampa que sangra os quatro cantos do papel. O trabalho *A noite azul de Funes* (2021) é o primeiro desenho produzido desde o início da pandemia e é nítida uma alteração na atmosfera cromática de outros desenhos e que, segundo o artista, foi escurecendo ao longo do seu processo de produção. Zózimo relata: "sentia sempre a necessidade de colocar mais sombras nos elementos compostivos. Quase todos os seres inseridos na cena são animais de hábitos noturnos. É o primeiro desenho que não sangra as bordas do papel e toda a situação acontece dentro de uma forma irregular e orgânica que aprisiona a cena. Enquanto desenhava, tentava lembrar de memória quais animais e plantas poderia colocar na composição e pensava que Irineu Funes, personagem prodígio de Borges poderia me ajudar nessa lista com sua infalível memória."



MICHEL ZOZIMO

A Noite azul de Funes [The Blue Night of Funes], 2021

Detalhe [Detail]

Rebecca Sharp



Guest on Land, 2021

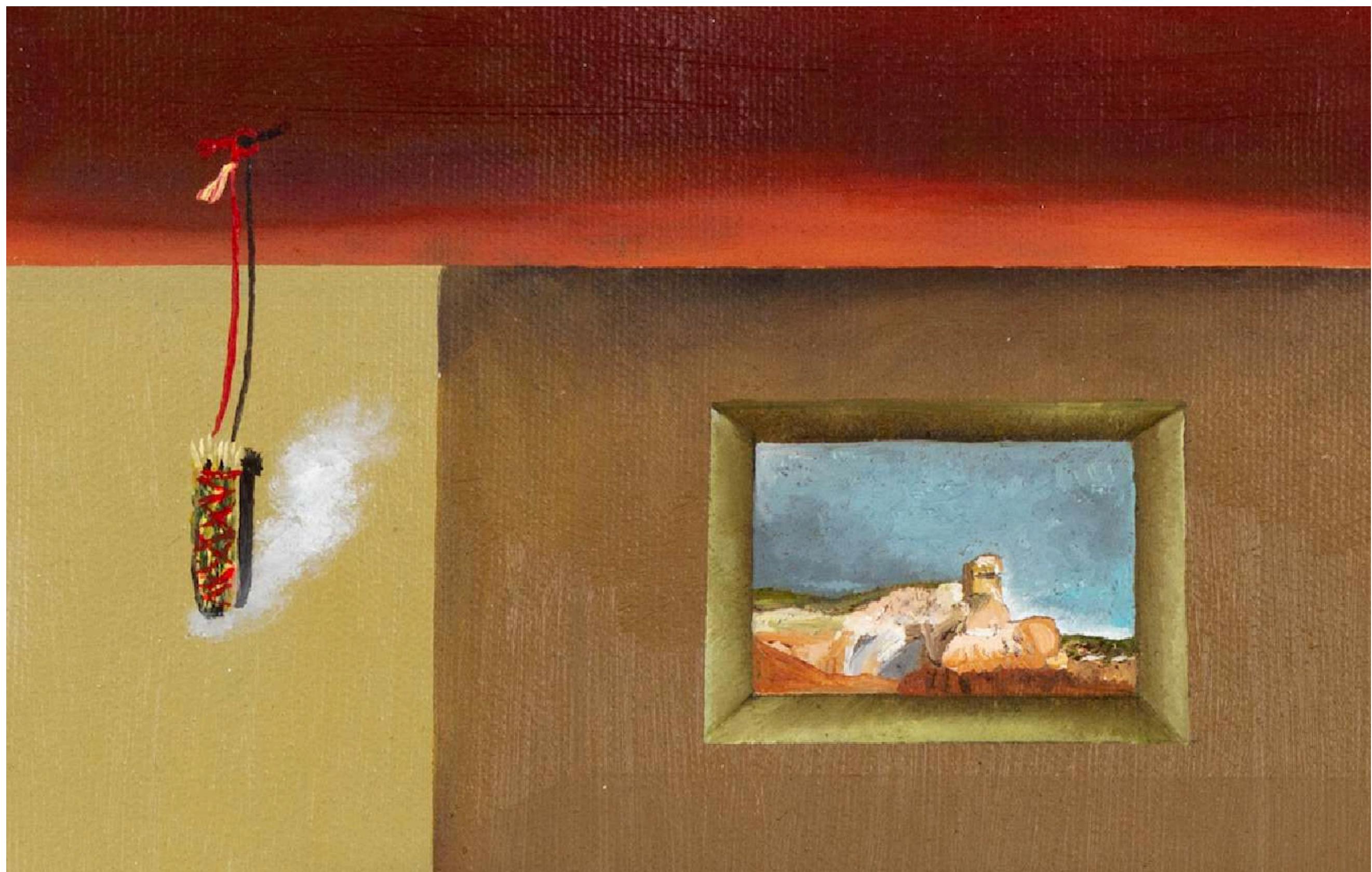
Óleo sobre tela

[Oil on canvas]

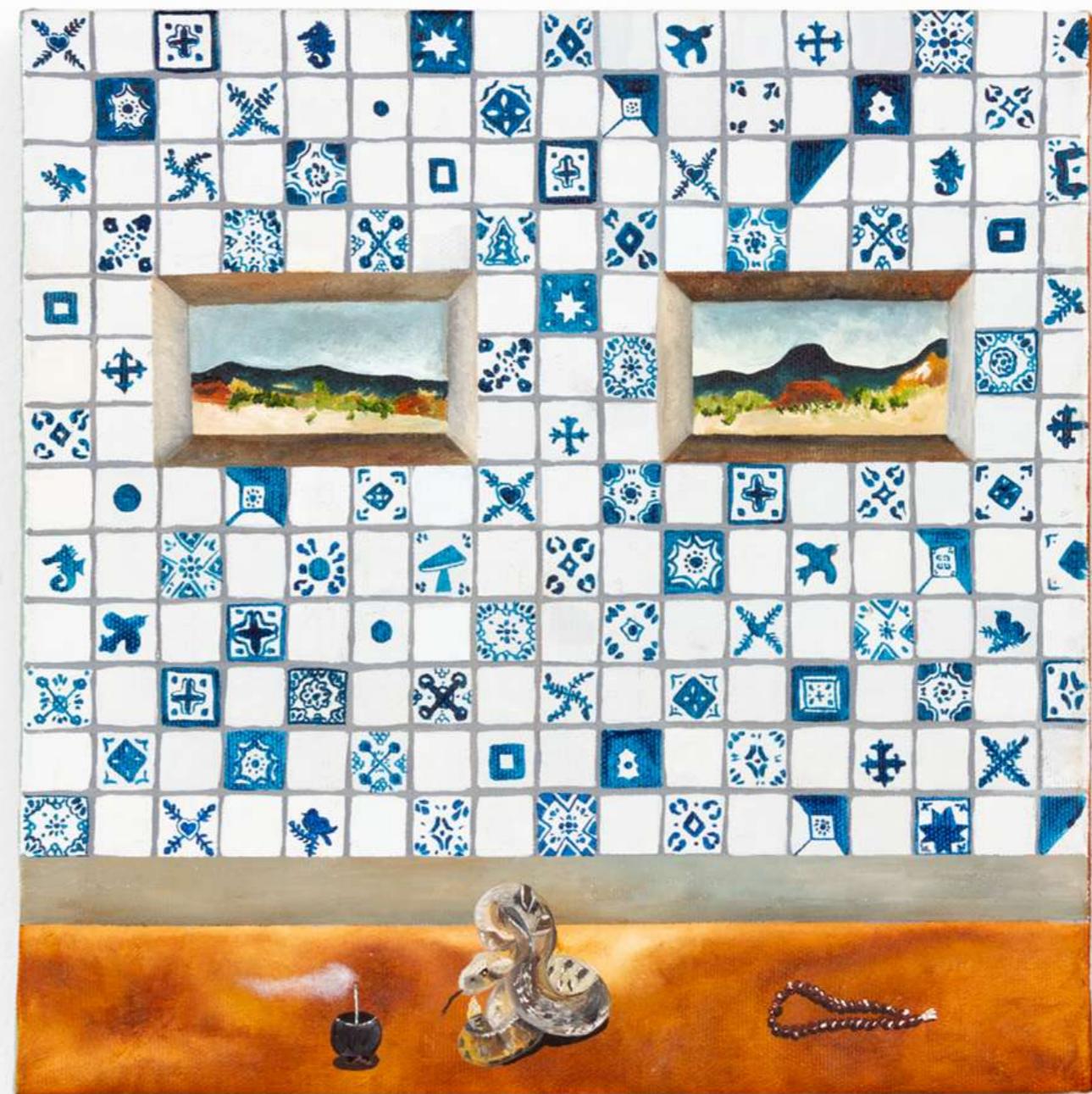
25 x 25 cm



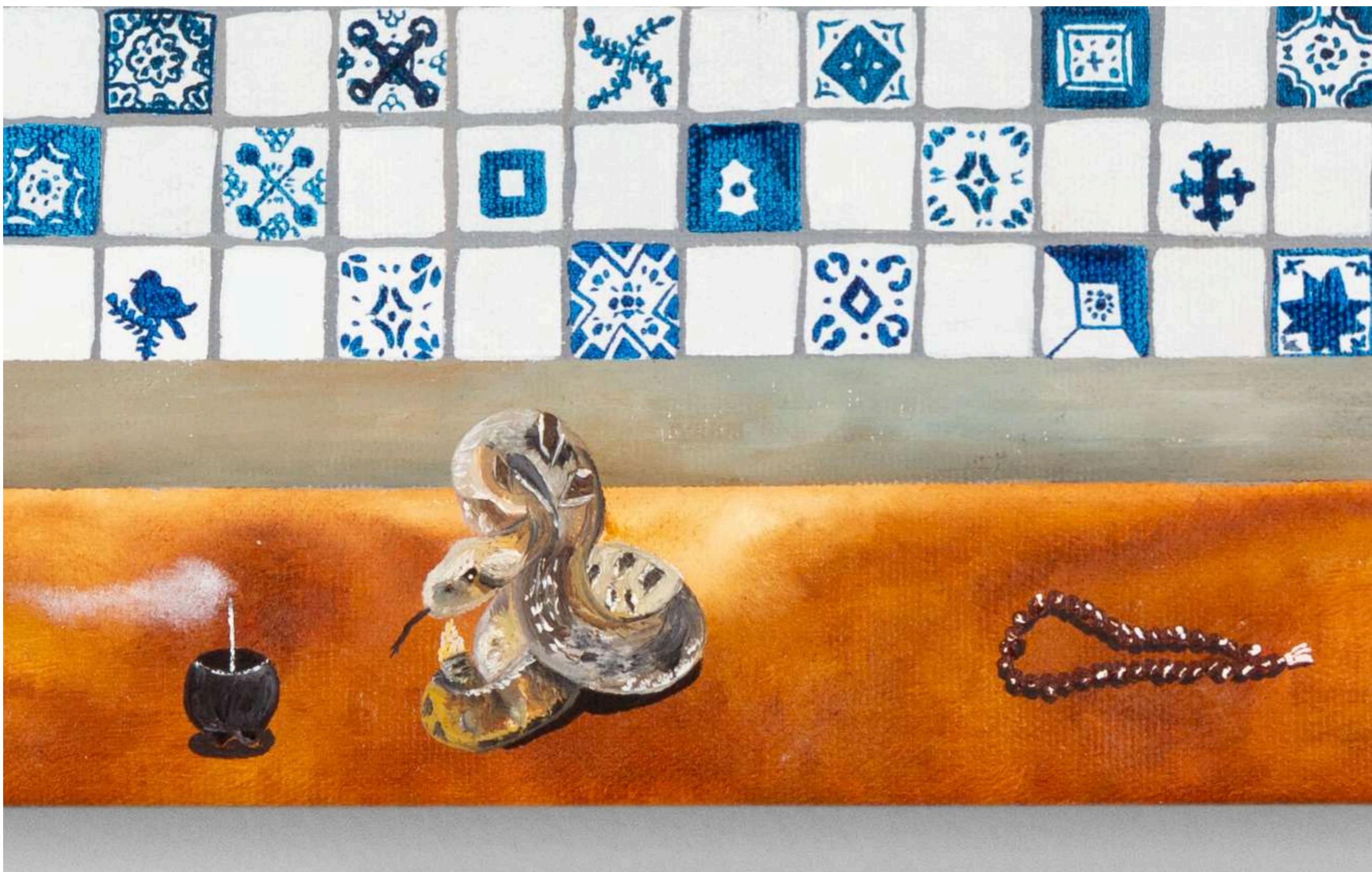
Em seu processo poético-espiritual, a artista combina práticas pictóricas e meditativas. Seus trabalhos tratam de uma variedade de planos astrais e mundanos e, atualmente, o encontro deles: mundos insólitos recobertos por abismos em matizes vívidos que convivem de modo vibrante. Em *Guest on Land* (2021), a artista vê pela janela Chimney Rock em Abiquiú, Novo México e relata: "sou hóspede de uma História que não é minha, aluna e testemunha da batalha constante dos povos originais Norte Americanos e Mexicanos".



REBECCA SHARP
Guest on Land, 2021
Detailhe [Detail]

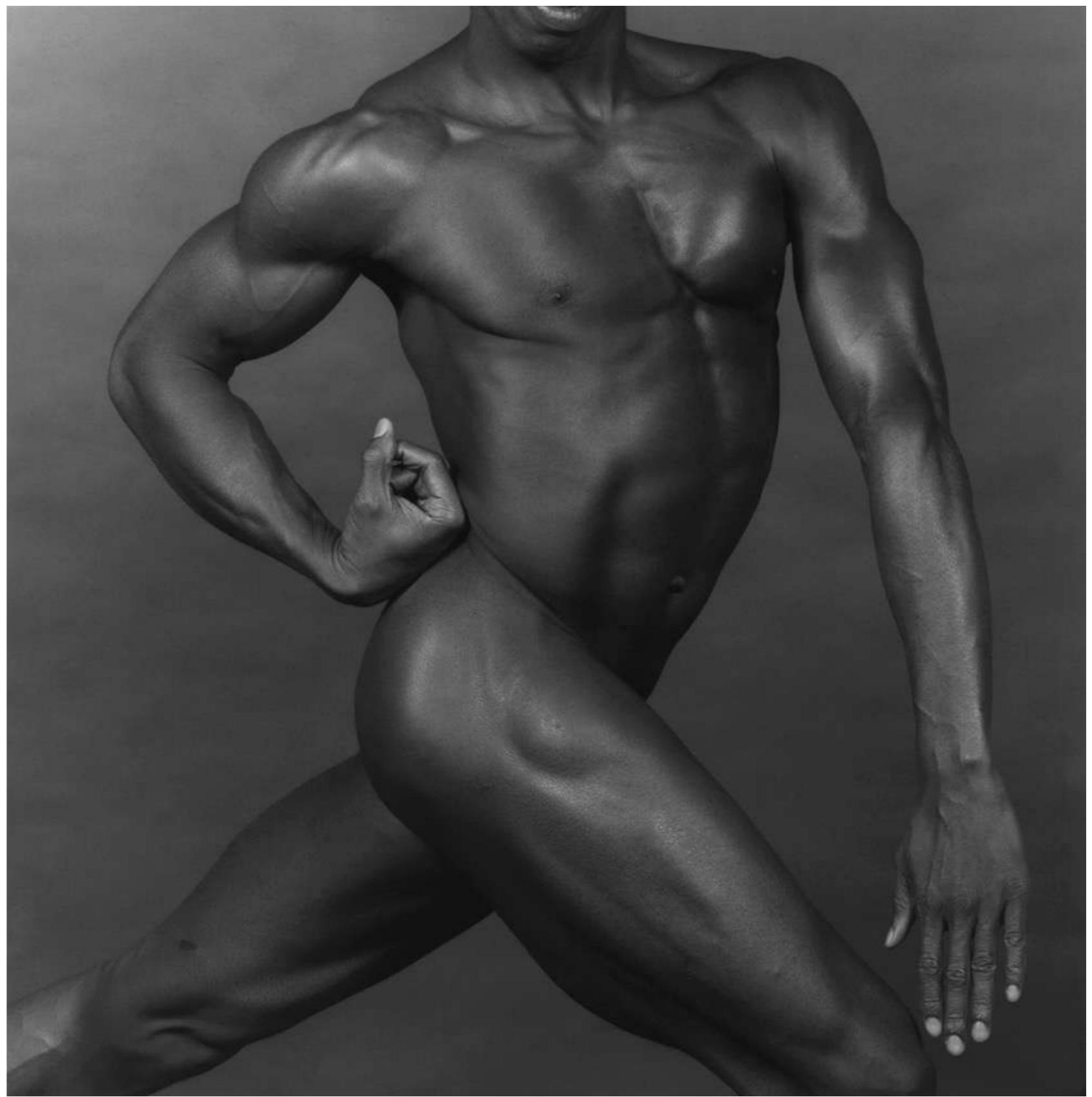


REBECCA SHARP
The perfect galaxy, 2021
Óleo sobre tela
[Oil on canvas]
25 x 25 cm



REBECCA SHARP
The perfect galaxy, 2021
Detailhe [Detail]

Robert Mapplethorpe



Derrick Cross, 1982

Fotografia em emulsão de prata

[Gelatin silver print]

51 x 40,5 cm

Edição de [Edition of] 10

ROBERT MAPPLETHORPE

Torso, 1978

Fotografia em emulsão de prata

[Gelatin silver print]

51 x 40,5 cm

Edição de [Edition of] 10

USD 11,000



Um dos mais aclamados e polêmicos artistas do final do século XX, Robert Mapplethorpe é autor de fotografias ousadas e formalmente rigorosas. Conhecido por imagens que deliberadamente transgrediram os costumes sociais e por instigar debates que o tornarem num símbolo das guerras culturais no final dos anos 1980 e início dos 1990. Refletindo sobre aspectos clássicos da beleza, seja em seus nus, naturezas mortas florais ou autorretratos - luz, sombra, composição e forma são centrais em todo o seu trabalho.

Fortes D'Aloia & Gabriel

Galpão

Rua James Holland 71
01138-000 São Paulo Brasil

Carpintaria

Rua Jardim Botânico 971
22470-051 Rio de Janeiro Brasil

www.fdag.com.br
vendas@fdag.com.br

GALERIA LUIZA STRINA

Rua Padre João Manuel 755
Cerqueira César
01411-001 São Paulo, Brasil

www.galerialuisastrina.com.br
info@galerialuisastrina.com.br

sé

Al. Lorena 1257
Vila Modernista, Casa 2
01424-001 São Paulo, Brasil

www.segaleria.com.br
info@segaleria.com.br